

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Wilson Constantino de Araujo Filho

**FUTEBOL BRASILEIRO:
A TRAJETÓRIA DO JOGADOR PROFISSIONAL
E O FIM DE SUA CARREIRA**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Wilson Constantino de Araujo Filho

**FUTEBOL BRASILEIRO:
A TRAJETÓRIA DO JOGADOR DE FUTEBOL PROFISSIONAL
E O FIM DE SUA CARREIRA**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração – Sociologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Professora Dr^a Marisa do Espírito Santo Borin.

PUC-SP

2009

Banca Examinadora:

Orientadora

Examinador

Examinador

AGRADECIMENTOS

Cá estou eu cheio de ansiedade! Confesso-lhes que está difícil elaborar uma lista com os nomes das pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

Entretanto, tenho que aceitar que esta etapa do trabalho chegou ao fim. Obrigado, meu Deus! Fonte de toda sabedoria.

Vou agora mesmo tomar um cafezinho com minha esposa Núbia, que está sempre ao meu lado, inclusive agora. Obrigado, meu amor.

Uma pausa para reflexão e, quem veio primeiro à lembrança? Meus filhos, Isabela e Gustavo, com 8 e 5 anos respectivamente. Ambos tentaram me ajudar a concluir este trabalho, só para sobrar tempo de brincar com eles. Aliás, me ajudaram até a encontrar livros na biblioteca. Obrigado, meus queridos filhos pelo carinho e compreensão. Vamos brincar agora...

Agradeço muito aos meus pais Wilson (*in memorian*) e Luzia, por terem sido há muito tempo meus entusiastas. Saudade de meu pai e obrigado, mãe.

Lembrei-me da Marisa Borin, e como poderia esquecer dessa professora, minha orientadora, que vem me ajudando desde a graduação em meu TCC.

Lembrei-me também dos professores Carlos Alberto Pimenta e Carla Cristina Garcia, os quais em pouco tempo de convívio, souberam extrair de mim admiração e respeito.

Agradeço a Nídia Regina, meu referencial de vida.

Agradeço aos professores Félix, Maurício, Lúcio Flávio, Teresinha, Vera, Edson, Carmem Junqueira, Paulo, Wanderley, Maria Margarida, Edmilson, Dorothéa, Silvana e Márcia (*in memorian*).

Aos meus irmãos e sobrinhos que estão sempre por perto.

Ao meu sogro Limeira e sogra Clovelina, pelo estímulo.

Aos meus sempre estimados amigos; Cláudio, Cacilda, José Luiz, Lamartine, Daniel, Marcelo, Fabrícia, Aline, Dirceu, Udo, Marcelino, Simone, Telma, Verônica, Aerton.

Aos eternos ídolos do futebol brasileiro, Félix, Coutinho, Mengálvio e Rincón, pela disposição de tempo em ajudar a enriquecer esse trabalho.

*“Hoje, no Brasil, manhã, tarde, noite, na grama, na poeira, no barro, no calçado, no descalço, no grande estádio e no corredorzinho do prédio, logo atrás do curral e sobre os viadutos, no pátio da cadeia e no pátio do convento, nas aldeias do Xingu e entre os altos executivos, nos folgados fins de semana e na suada meia horinha depois do almoço, na fábrica, com sol e com chuva, joga-se futebol. A trave pode ser bambu ou só dois tênis furados, o juiz e a grande área, meramente virtuais, por camiseta a própria pele e, nos pés, o que se pode. Mas tem uma coisa: na mais improvisada pelada de fim de tarde, no campinho da mais distante periferia, todo gol é, por definição, de Copa do Mundo. A mesma vibração, a mesma efêmera e, às vezes, única glória [...] Mas onde nasce tanto futebol. Um Pelé, um Garrincha, um Zizinho, um Romário, um Ronaldo? [...] brasileiros de todos os recantos do Brasil jogando e fazendo a grande alegria de jogar bola [...]”.*¹

¹ Extraído do site www.museudosportes.com.br em 15/02/09.

RESUMO

Futebol brasileiro: a trajetória do jogador profissional e o fim de sua carreira é o foco deste estudo, considerando que esse esporte se apresenta como um relevante instrumento na vida social, tendo colaborado para a consolidação da identidade nacional brasileira. Buscou-se analisar a carreira do jogador de futebol profissional a partir de uma perspectiva de profundas mudanças no mundo do trabalho, destacando a formação do ídolo, através de sua trajetória e de como o fim da carreira expõe um contexto marcado pela incerteza do futuro e frustrações diante de um sonho interrompido, onde a retomada da estabilidade social apresenta o dilema da aceitação de uma nova identidade dentro ou fora desse esporte. Optou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa, especialmente a entrevista semi-estruturada, com entrelaçamento tanto de aspectos do referencial teórico, como dos repertórios interpretativos dos sujeitos. O roteiro de entrevista abordou temas como, carreira do jogador, ascensão social, representação social, a relação trabalho/profissão, avaliação pessoal da carreira, entre outros. Para tanto, foram entrevistados quatro ex-jogadores de futebol profissional brasileiro e também utilizou-se como fonte de dados, reportagens veiculadas na imprensa escrita e bibliografias concernentes ao tema proposto. Verificou-se que a administração do esporte no Brasil é conduzida, com raras exceções, de forma amadora, visando o interesse de poucos que, amparados por estatutos e regras formais e informais, perpetuam-se no poder, vindo a prejudicar a profissionalização da administração desse esporte brasileiro. Verificou-se ainda que a questão da permanência desse profissional no mesmo segmento ao fim da carreira, confirmando o profissionalismo, depende de uma projeção antecipada, sendo possível o empreendedorismo, outros formatos de inserção no próprio esporte, ou ainda, a inserção em outra profissão conforme sua formação acadêmica, quando esta existir.

Palavras-chave: futebol brasileiro; futebol profissional; fim de carreira do jogador de futebol.

ABSTRACT

Brazilian soccer: the trajectory of the professional soccer player and the end of its career are the focus of this study, considering that this sport is a relevant instrument in the social life, having collaborated for the consolidation of the Brazilian national identity. The objective was to analyze the career of the professional soccer player from the perspective of the deep changes in the work environment, stressing the formation of the idol figure, through its trajectory and of how the end of the career displays a context marked by the uncertainty of the future and frustrations towards an interrupted dream, where the reclaim of stability presents the dilemma of the acceptance of a new identity inside or out of this sport. It was chosen to use a qualitative methodology, especially the half-structuralized interview, with interlacement of aspects of the theoretical referential and of the interpreting repertoires of the citizens as well. The interview script approached subjects as soccer player career, social ascension, social representation, the relation work/profession, personal evaluation of the career, among others. In order to do so, four former players of professional Brazilian soccer were interviewed, and it was also used as data source news articles propagated in the written press and concerning bibliographies to the considered subject. It was verified that the administration of the sport in Brazil is lead, with rare exceptions, on an amateur way, aiming the interest of few which, supported by statutes and formal and informal rules, perpetuate themselves in powerful positions, harming the professionalization of the administration of this Brazilian sport. It was also verified that the issue of the permanence of this professional in the same segment at the end of its career depends on an anticipated projection, being possible the entrepreneurialism or other formats of insertion in the sport, or even the insertion in another profession accordingly with its academic formation, if there is one.

Key-words: brazilian soccer; professional soccer player career; professional soccer player.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1.1.Metodologia	02
CAPÍTULO I. O Contexto do Futebol na Atualidade	08
CAPÍTULO II. O futebol Como Fator de Identidade Nacional	26
CAPÍTULO III. O Futebol Como Projeto de Vida: A Carreira do Jogador	
Profissional.....	38
CAPÍTULO IV. Fim da Carreira: Um Contexto Marcado pela Incerteza do	
Futuro	58
CAPITULO V. A Possível ou Impossível Retomada da Estabilidade Social..	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	86

INTRODUÇÃO

Convivemos diariamente com notícias a respeito do futebol, ainda que não queiramos. Se fecharmos nossos olhos, ouviremos as pessoas nas ruas, nos rádios; se taparmos nossos ouvidos, as notícias do futebol estão destacadas em bancas de jornal, nas revistas especializadas, em jornais; ao chegarmos em nosso trabalho, encontramos muitos falando do futebol e de seus times.

O futebol profissional no Brasil, mais que qualquer outra prática esportiva, é visto por vários autores como um fenômeno social em que os jogadores profissionais além de serem ídolos são também heróis. Essas características heróicas irão produzir e transformar determinados jogadores em paradigmas de anseios sociais, evidenciando o que a maioria dos brasileiros sonhou em algum momento da vida ser: Jogador de Futebol Profissional. O sociólogo e professor Carlos Alberto Pimenta, denomina este fenômeno de “sonho cognitivo”, vejamos:

“Aqui, falamos do sonho cognitivo, de projeções e de expectativas de atingir alguma meta ou de alcançar a realização de um desejo, cujo estímulo é externo, influenciado por uma série de fatores simbólicos, socio-culturais, políticos e econômicos presentes no processo de socialização de determinado grupo de jovens. No caso, em torno do futebol” (2006, p.11)

Constantemente, vê-se com clareza através de diversos meios de comunicação, o surgimento de novas categorias de trabalho e tipos sociais criados de acordo com novas construções sociais e culturais no Brasil e no mundo. Entretanto, o futebol profissional continua a ser a escalada de “heróis” abastados financeiramente, alguns bem mais que outros, deixando outras profissões, menores em possibilidades de

ganhos, contabilizando, ainda, a visibilidade que o futebol profissional proporciona.

Por outro lado, pouco se conhece sobre a situação que os refletores dos estádios de futebol não clareiam: a relação instável e provisória que muitos dos jogadores de futebol profissional têm com sua profissão, na medida em que, por conta da idade, por problemas físicos ou por outros motivos, passam a perder visibilidade e caem no ostracismo e no esquecimento depois do sucesso alcançado.

Algumas questões certamente envolvem esse momento: O que significa não mais ser herói de milhares de torcedores? Que tipo de torcida terão esses ex-jogadores no restante de suas vidas? Como estruturam o seu futuro e o que fazem após o término de sua carreira?

Essas questões permeiam as análises deste trabalho. Tem-se como pressuposto, que nem sempre a sustentação emocional, frente a esse novo momento de final de carreira, é satisfeita ou acolhida na família, entre os amigos ou pelo grupo religioso ao qual pertence.

Dessa forma, esse estudo tem como objetivo compreender, a partir da análise da carreira de jogadores de futebol profissional, como se desenha o final da mesma e suas implicações em uma vida futura.

1. 1. Metodologia

Para dar conta dos objetivos propostos neste trabalho, optou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa, especialmente a entrevista semi-estruturada, através de um roteiro de questões previamente elaboradas, que foi realizado com ex-jogadores de futebol profissional. O roteiro de entrevista contemplou os seguintes temas: a carreira do jogador, a ascensão social por meio do futebol, a manutenção ou não da ascensão social, a percepção do jogador sobre sua carreira frente a

sociedade brasileira, o que ele representa hoje para a sociedade, a relação trabalho/profissão, relação com os clubes, avaliação pessoal da carreira, entre outros.

Foram entrevistados os seguintes ex-jogadores:

. Antonio Wilson Honório – Coutinho - Nascido no dia 11 de junho de 1943, em Piracicaba (SP), fez sua estréia na equipe do Santos com apenas 16 anos. Ao lado do Rei Pelé, ele formou uma das melhores duplas de ataque da história do futebol mundial, tendo marcado 370 gols. Mora em Santos (SP) e trabalhou como técnico de juniores na Prefeitura de São Paulo, em escolinhas de Santos e inclusive no Santos FC. Assumiu o Jabaquara em março de 2005. Coutinho ainda defendeu o Vitória, em 1968, a Portuguesa, em 1969, o Bangu, em 1971 e 1972, o Atlas do México, em 1971 e o Saad, de São Caetano do Sul (SP), em 1973. Pela Seleção Brasileira, ele realizou 15 jogos (11 vitórias, um empate e três derrotas) e marcou seis gols.

. Félix Mielli Venerando – Félix - Nasceu em São Paulo - SP, no dia 24 de dezembro de 1937. Começou a carreira no Nacional AC, da capital paulista, passou pelas divisões de base do Juventus da Mooca, de 1951 a 1954, e pelos profissionais da Portuguesa de Desportos, entre 1955 e 1968, e do Fluminense, entre 1968 e 1977. Em 1970 foi tricampeão mundial no México. Atualmente o ex-goleiro vive em São Paulo e coordena uma escolinha de futebol comunitário, voltada para as crianças carentes, além de passar sua experiência dentro e fora dos gramados, em palestras para empresas e faculdades. Em 2007, assumiu o cargo de diretor técnico da Inter de Limeira, que disputou a Série A2 do Campeonato Paulista.

. Mengálvio Figueiró – Mengálvio - Nascido no dia 17 de dezembro de 1939, em Laguna (SC), começou a carreira de jogador na equipe do Aimoré, da cidade de São Leopoldo (RS), no final dos anos 50. Jogando

pela modesta equipe, tendo sido vice-campeão estadual. Famoso meio-campista do inesquecível Santos, entre 1960 e 1968, mora em Santos (SP) onde está aposentado. O ex-craque, companheiro de Pelé, Coutinho, Pepe. Pai de três filhas e avô de dois netos, atualmente trabalha na cooperativa dos ex-atletas profissionais de São Paulo. Contratado pelo Santos, em 1960, ele formou uma das mais famosas linhas de ataque do futebol mundial: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Pelo Peixe, Mengálvio, que sabia atuar na meia e também como volante, conquistou vários títulos. Pela Seleção Brasileira, fez 14 partidas, um gol e foi o reserva do excelente Didi na Copa do Mundo de 1962, vencida pelo Brasil, no Chile. Deixou o Santos em 1968.

. Freddy Eusébio Gustavo Rincón Valencia - Rincón - Nascido em Buenaventura, Colômbia, em 14 de agosto de 1966, foi volante e meia. Começou a carreira no Atlético Buenaventura, passando depois por Independiente de Santa Fé, América de Cali, Palmeiras, Napoli, Real Madrid, Santos e Corinthians. Defendeu também a seleção colombiana em 84 jogos, marcando 17 gols. Jogou as Copas do Mundo de 1990, 94 e 98. Ao parar com a bola tornou-se treinador.

A escolha desses 4 ex-jogadores profissionais, se deu pela facilidade com que foram acessados e a disponibilidade em participarem da entrevista, além da proximidade de relacionamento do pesquisador com alguns deles.

Para facilitar a análise e para dar maior visibilidade aos enunciados dos entrevistados, foi feito um entrelaçamento tanto de aspectos do referencial teórico, como dos repertórios interpretativos dos sujeitos.

Neste trabalho as práticas discursivas (discursos e enunciados) que constituem o cotidiano e circulam na sociedade, dão sentido às experiências, constroem conteúdos e geram sentidos (Spink, 1999). Assim, tanto o discurso dos personagens sociais como o discurso do pesquisador são importantes para a configuração social atual.

Além de entrevistas com ex-jogadores de futebol profissional, utilizou-se também, como fonte de dados, reportagens veiculadas na imprensa escrita e bibliografias concernentes ao tema proposto.

A pesquisa qualitativa se preocupa fundamentalmente com a compreensão e a interpretação do fenômeno. Tem como principal objetivo compreender, explorar e especificar um fenômeno, o que pressupõe a influência das crenças, percepções, sentimentos e valores nos dados coletados. É um tipo de estudo que busca compreender e oferecer uma explicitação da situação pesquisada, oferecendo esta mesma compreensão como um objeto de estudo (Jardinilo, 2000).

O método da pesquisa qualitativa é o indutivo, do dado para a teoria, o qual é permeado por definições que envolvem e se concretizam no processo; é um método criativo e intuitivo que se serve da análise comparativa de uma pequena amostra minuciosamente selecionada. Segundo este autor, enquanto o método quantitativo se preocupa com os traços individuais, com as relações causais, ou seja, com os “porquês” da ocorrência do fenômeno, o foco da pesquisa qualitativa está nas experiências individuais, no senso comum, no “como” acontece o fato (Jardinilo, 2000).

O referencial teórico deste trabalho privilegia autores que dão suporte para uma análise sociológica do futebol. A seguir aponta-se os autores e os aspectos que contribuíram para a formação do referencial teórico.

. Pahl, Ray (1997) sugere que pode estar morrendo uma velha idéia, tipicamente masculina: o sucesso fundado na carreira e na profissão. E talvez, outro tipo de identidade esteja emergindo em seu lugar, privilegiando agora o equilíbrio entre o trabalho, a família e outros elementos da vida;

. Chauí, Marilena (2000) apresenta os múltiplos aspectos que envolvem o simbolismo do futebol na identidade brasileira, que leva à um sentimento de unidade e de integração nacional;

. DaMatta, Roberto (1982 e 2006) aponta os muitos aspectos dos personagens que envolvem o futebol na vida cotidiana da sociedade brasileira;

. Helal, Ronaldo (1990 e 1997), aponta o futebol como um fato social sendo objeto de estudo de importância para a Sociologia. Destaca o futebol como uma das instituições mais sólidas do mundo moderno;

. Debord, Gui (2008) retrata o espetáculo como parte do corpo social, instrumento de unificação onde se concentra todo olhar e toda a consciência;

. Stigger, Marco Paulo (2002) contribui apontando o conceito de desporto como relevante papel do dia a dia da sociedade, no caso do futebol, enquanto fenômeno sócio-antropológico. Descreve que elementos do processo produtivo do capital passaram a determinar as relações no futebol e passaram a se expressar no corpo como mercadoria;

. Pimenta, Carlos Alberto Máximo (2006) contribui em analisar os aspectos dos sonhos cognitivos que envolvem o processo da formação do jogador profissional;

. Toledo, Luis Henrique (1996 e 2000) aponta o futebol como um fenômeno cultural multifacetado e complexo, contribuindo com a formação da identidade nacional.

A estrutura dessa dissertação expõe a síntese das idéias de cada capítulo, conforme a seguir.

O capítulo I contextualiza o futebol na sociedade atual e analisa a posição social de Jogador de Futebol Profissional.

O capítulo II retrata o futebol como elemento da identidade nacional, que repercute fortemente no cotidiano cultural, político, econômico, social da sociedade brasileira.

O capítulo III analisa a carreira do jogador de futebol profissional a partir de uma perspectiva de profundas mudanças no mundo do trabalho, destacando-se a formação do ídolo, através de sua trajetória.

O capítulo IV aborda o fim da carreira do jogador de futebol profissional, num contexto marcado pela incerteza do futuro e frustrações diante de um sonho interrompido, através da fala dos entrevistados.

O capítulo V analisa a possível ou impossível retomada da estabilidade social após o fim da carreira do jogador de futebol profissional e a aceitação de uma nova identidade dentro ou fora desse esporte, utilizando-se, também, das informações obtidas pelos entrevistados.

O trabalho encerra-se com as considerações finais e referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

O CONTEXTO DO FUTEBOL BRASILEIRO NA ATUALIDADE

Este capítulo, além de situar o futebol brasileiro enquanto esporte de massas, também, analisa e discute, através do pensamento de diversos autores, como a sociedade contemporânea avalia essa tão sonhada posição social de “Jogador de Futebol Profissional”, bem como concebe essa carreira enquanto trabalho.

O futebol, principalmente o profissional, se apresenta como um relevante instrumento na vida social e colabora para a consolidação da identidade nacional, estando fincado nos lugares mais longínquos da terra brasileira. Através dele se verificam múltiplos aspectos contidos na sociedade e seus elementos naturais. Sua influência local é tão forte que, assim como inúmeras pessoas lembram uma partida de futebol jogada há tempos, lembram também do espaço onde foi jogada. Há uma aglutinação por conta do futebol profissional envolvendo a quase todos, sem distinção de classe social, de gênero, ou de cor.

Não se tem completa clareza quanto à chegada do futebol no Brasil. Alguns historiadores acreditam que o futebol foi trazido por marinheiros ingleses, que foram vistos jogando bola em um cais do porto do Rio de Janeiro em 1872. Contudo a versão mais aceita é a de que o estudante inglês Charles Muller – filho de um cônsul britânico residente em São Paulo, trouxe esta “novidade” para o Brasil. (Costa, 2001). Existe ainda outra teoria sobre o desembarque do futebol no Brasil. Segundo Cláudio Nogueira (2006), quem verdadeiramente trouxe o futebol para o Brasil foi o brasileiro Oscar Cox, na última década do século XIX.

Independente das implicações desta polêmica, o que nos interessa é entender como o futebol se desenvolveu inicialmente aqui no Brasil, visto que, a princípio, o futebol era uma atividade praticada pela elite dos centros urbanos que vinha se desenvolvendo na virada do século XIX, em

virtude do “início” do processo de industrialização no país. O futebol era praticado não como um esporte, mas como um jogo que tinha como objetivo a reunião, através de uma prática lúdica, da alta sociedade representada por uma burguesia nascente nas cidades. Posteriormente, instituições de ensino da burguesia introduziram o futebol em seus currículos acadêmicos (Toledo, 2000).

O processo de assimilação do futebol pela elite brasileira ocorreu pelo fato de que no decorrer do século XIX e, também, no início do século XX, era muito comum que os filhos de grandes empresários e latifundiários estivessem acostumados a sair do Brasil para estudar na Europa, especialmente na Inglaterra, que no período até a primeira grande guerra, era a principal potência mundial. Esses jovens da elite nacional, ao entrarem em contato com o futebol em solo europeu, passaram a importar equipamentos, técnicas e regras deste jogo, visto que a elite nacional tinha como costume importar costumes europeus, sobretudo ingleses, no sentido de afirmar sentimentos de progresso e de civilidade.

As primeiras partidas realizadas no Brasil de que se tem notícia ocorreram em São Paulo, em 1895, entre os sócios do clube “São Paulo Athletic Club”, que incorporou a modalidade nas atividades recreativas; já no Rio de Janeiro, os primeiros jogos realizados ocorreram por volta de 1901 entre os times do “Paysandu” e o “Athletic Association” de Niterói (Costa, 2001). Do ponto de vista de uma maior organização administrativa–institucional do futebol no Brasil, o primeiro passo ocorreu com a fundação da “Liga Paulista de Futebol” em 1902, e com a criação da “Liga Carioca de Futebol” em 1914, quando a partir daí passaram a ser organizadas as primeiras competições de futebol. Todavia, até a década de trinta, a organização do futebol no Brasil possuía ainda um “ethos amador” (Elias e Dunning, 1992), ou seja, era mais uma forma de “divertimento” e de “prazer” com um fim em si mesmo.

Portanto, foi a partir da década de trinta (período este em que passaram a ser realizadas as primeiras Copas do Mundo) que o futebol passou por uma maior estruturação profissional, de modo a marcar um processo pelo qual a competição se tornou mais importante do que a ênfase na dimensão lúdica de sua prática (Huizinga, 2001).

Pimenta cita que:

“O esporte é um bom exemplo para se estudar as transformações políticas, econômicas, e socioculturais pelas quais passam a sociedade brasileira. [...] O futebol traduz-se no maior fenômeno de massa do século XX e início do século XXI. No mundo, caracteriza-se como importante espaço aglutinador de jovens e associa-se aos argumentos intimamente ligados às mudanças sociais de nosso tempo” (2006, p.18).

A prática do futebol encontra-se disseminada atualmente pelos quatro cantos do mundo, todavia seu grau de inserção em cada sociedade obedece a intensidades variadas e processos históricos diferenciados. A globalização, a conseqüente diminuição das distâncias de espaço e tempo, tem acarretado um processo de homogeneização “global”, que apresenta dinâmicas diferenciadas em sua esfera “local” (Hall, 2001).

Kofi Annan, ex-Secretário Geral da ONU, na ocasião da realização da Copa do Mundo da Alemanha em 2006, teria proclamado o “futebol global”, dizendo:

“A ONU morre de inveja da Copa do Mundo. O evento é o apogeu do único esporte verdadeiramente global, jogado em todos os países, por todas as raças e religiões. É um dos únicos fenômenos tão universais como as Nações Unidas, ou até mais

universal. A FIFA tem 207 membros e nós temos apenas 191. Mas há muitas outras razões para ficar com inveja”¹.

O futebol é um fato social que é objeto de estudo da Sociologia, e, para firmar tal compreensão, pode-se atentar para o que diz Helal:

“Certamente o torcedor de futebol mais “fanático” do Brasil não se interessaria por esse esporte caso tivesse nascido e sido criado no Japão ou nos Estados Unidos. Da mesma forma, poderíamos dizer que: Pelé, Garrincha, Rivelino e Zico não teriam tido a menor intimidade com a bola nos pés, caso tivessem nascido e sido criados na China, no Japão, nos Estados Unidos ou na Austrália. O “gostar de futebol” no Brasil existe fora das consciências individuais dos brasileiros, da mesma forma que o “gostar do beisebol” existe fora das consciências dos americanos, e o “gostar do hóquei no gelo” existe fora das consciências individuais dos soviéticos. O gosto ou paixão por um determinado esporte não existe naturalmente em nosso “sangue”, como supõe o senso comum. Ele existe na coletividade, em nosso meio social que nos transmite esse sentimento da mesma forma que a escola nos ensina a ler e a escrever [...] Sendo assim, o primeiro passo para uma compreensão sociológica do esporte no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas

¹ Folha de São Paulo, Esportes-02/06/06, p. 4.

vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes”
(1990, p.13).

O autor continua a demonstrar a importância do futebol para a Sociologia destacando observações idênticas de Kofi Annan:

“O esporte é uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno. Para se ter uma idéia, a Federation International Football Association (FIFA) reúne um número maior de nações afiliadas do que a Organização das Nações Unidas (ONU). Em quase todas essas nações, o esporte desponta como meta importante dos programas governamentais e, não raras vezes, as vitórias e derrotas no esporte têm servido como metáforas para os sucessos e fracassos de sistemas econômicos e sociais. Por isso, o estudo sociológico do esporte tem se transformado, cada vez mais, numa exigência, não somente para aqueles interessados na complexidade do fenômeno esportivo, mas também para aqueles que desejam ganhar uma melhor compreensão da realidade social”
(1990, p.12).

O espetáculo chamado futebol, proporciona ao público uma unificação de sentimento, que faz com que através do tempo do jogo não se pense em outra coisa senão no futebol, o que leva alguns autores como Debord, expressar tal espetáculo como parte do corpo social:

“O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda consciência. Pelo fato de esse amor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza

é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada” (1997, p.14).

O momento mais apropriado de se verificar a importância do futebol no mundo é, sem dúvida nenhuma, o momento da Copa do Mundo, organizado pela FIFA, a qual ocorre a cada quatro anos. A este evento que concentra milhões de olhares, se aplica uma frase de Roberto DaMatta:

“A copa do Mundo distingue-se da Olimpíada por concentrar todas as atenções num só esporte: no “nosso” futebol. Enquanto nos Jogos Olímpicos existe uma enorme variedade competitiva, que inclui esportes individuais e coletivos, na copa o futebol é o dono exclusivo de todas as atenções” (2006, p. 25).

O futebol no decorrer do século XX passou por profundas transformações, tanto no que diz respeito a uma maior estruturação e profissionalização de sua prática, como na sua imagem e recepção frente à sociedade, haja vista que o futebol passou a extrapolar os limites de seu campo esportivo, e passou a ser incorporado como um dos ícones culturais da identidade dos brasileiros, em que os jogos do Brasil, por exemplo, independentemente se gosta ou não de futebol e especialmente durante as Copas do Mundo, tornou-se uma espécie de “rito” que atualiza a idéia de um nacionalismo/patriotismo brasileiro, quando, então, a idéia de um “Brasil harmonioso” e de um “país do futuro” é enfatizada frente às contradições e as desigualdades sociais oriundas das hierarquias de classe; nestes instantes de furor e aglutinação nacional pode-se ouvir em uníssono: *“todos juntos Brasil, salve a seleção!”*. Para isso, muitas vezes percebe-se que até mesmo outras programações televisivas são transferidas ou canceladas por conta do jogo do Brasil em determinado horário e, se não bastasse, muda-se o horário de escolas, horário de saída de funcionários, muda o trânsito, como se fosse uma coisa de demasiada importância, e que está acima da importância de todas as

demais profissões. Nos jogos da Copa do Mundo, profissionais de várias áreas para de trabalhar. Os engenheiros interrompem o trabalho, os médicos interrompem o trabalho, os professores interrompem o trabalho, operários interrompem o trabalho, ou seja, o Brasil pára.

A Copa do Mundo provavelmente seja o único evento internacional que muda a rotina do Brasil e de muitas outras nações, dando a impressão que somente uma grande catástrofe pode ocupar esse espaço.

No entanto, com toda essa importância, foi com o transcurso do tempo que o futebol passou a ter status de profissional, conforme comenta Pimenta:

“Paulatinamente, as políticas populistas e econômicas da era vanguardista nortearam as relações sociais, e o futebol penetrou no cotidiano das cidades. No entanto, o jogador era profissionalizado, e a administração dos clubes permaneceu amadora, nas mãos de negociantes, comerciantes e industriais que geravam a possibilidade de o atleta com habilidades futebolísticas trabalhar numa indústria ou no comércio e receber bons salários e, acima de tudo, conquistar prestígio social” (2006, p.45).

Às vezes, o profissionalismo do futebol brasileiro apresenta-se apenas como elemento retórico, porque vemos constantemente muito amadorismo nas relações sócio-culturais que nos impedem de considerá-lo como profissional.

Algumas coisas que apontam para esta falta de profissionalismo têm a ver com o fato de que os agentes e instituições responsáveis pelo futebol profissional no Brasil têm demonstrado pouco ou nenhum interesse com o futuro dos seus contratados, denunciando o fato de que eles apenas interessam enquanto têm sua habilidade física para oferecer

à competição. E, também pela forma de gestão com o trato com as torcidas e todos os agentes norteadores desse espetáculo.

O ex-jogador Sócrates expõe sobre este assunto, na Revista Carta Capital², já que foi protagonista dentro de um campo de futebol:

"Foi numa esquina da vida que pude te conhecer, reconheci no teu rosto, desgosto, marcas de um grande sofrer." Esta é a impressão que temos da face de boa parte dos torcedores brasileiros. Mesmo depois de inesperadas vitórias, até em Copa do Mundo, muito pouca coisa mudou por estas bandas.

Talvez até por isso nada de peso tenha se modificado. Continua nosso amante do futebol a ser espoliado da forma mais vil. Jogos em profusão, modificações de última hora, equipes de poucos recursos, jogadores despreparados, estádios imundos, falta de transporte de boa qualidade, horários estapafúrdios, etc.

A única boa novidade é a mobilização, ainda incipiente, de algumas torcidas organizadas para que, por meio de um processo de politização, passem a lutar por seus direitos, não só de torcedor, como também de cidadão. Virão os mais conservadores e os reacionários a dizer que este não é o papel de um torcedor de futebol, como se ele não fosse parte integrante e agente da sociedade em que vive.

² Extraído da Revista Carta Capital de 19 de Março de 2009, em artigo intitulado: Nascerá uma revolução?

Na verdade, esses indivíduos têm um verdadeiro pavor de que isso um dia aconteça. É que neste país, nada mobiliza e agrega mais que o futebol, e poderá ser por meio dele que, teremos os exemplos que determinarão os caminhos que devemos seguir para transformar nossa sociedade em algo mais humano e da qual possamos nos orgulhar [...]

É muito provável que nem todos os brasileiros vêem o futebol profissional como uma profissão ou talvez como um trabalho propriamente dito. E, se o é, urge observar que esta “profissão” não aparece nos principais diagnósticos e indicadores sociais e profissionais, como, por exemplo, os de Emprego, Trabalho e Renda, nem é destacada entre as listas de “melhores profissões” ou os “melhores empregos”. Observa-se também a ausência dos clubes na lista das melhores empresas para se trabalhar.

Pode-se fazer a seguinte comparação: atualmente, uma determinada empresa para obter Certificado de Qualidade precisa introjetar entre todos os seus profissionais o “Espírito de Qualidade”. Para receber esse Certificado de Qualidade, a empresa passa por exigências duras de mercado: qualificam os funcionários, em todos os seus níveis, qualificam-se e padronizam-se os produtos e serviços, e fazem investimentos em provisões para a aposentadoria de seus executivos. Nas profissões individuais, tais como: médicos, dentistas, advogados, professores, e outros, buscam especializações como uma forma de ganhar mais credibilidade e também buscar dar prosseguimento à profissão, independente de idade, enquanto houver possibilidade de atuação. Entretanto, os clubes que mantêm o futebol “profissional”, se ausentam dessas exigências do “mercado” e praticamente abandonam os ex-jogadores de futebol profissional (ou os “ex-trabalhadores do futebol”), com raras exceções de alguns craques que tiveram tratamento diferenciado.

Barros, especialista em Qualidade e Excelência, comentando o reconhecimento mundial pela Qualidade, expõe:

“Produzir qualidade, pode ser considerada uma ação natural, normal, enfim, óbvia. Pode, também, ser considerada uma obrigação, partindo-se do pressuposto de que ninguém (ser humano normal) deve gostar de fazer algo que não tenha Qualidade. É uma questão de auto-estima. Imagina-se, em princípio, que alguém que produz um produto ou serviço sem Qualidade, assim o faz por desconhecimento ou inabilidade - e não necessariamente porque queira assim fazê-lo.

Desta forma, fazer com qualidade é uma atitude que enobrece as pessoas, tornando-as felizes, com a agradável sensação de utilidade. No momento em que o clima no trabalho é de satisfação por se estar produzindo com Qualidade, nada melhor para a manutenção deste clima que doses ou porções de reconhecimento. Nada é mais homogêneo do que a mistura fazer Qualidade e ser reconhecido [...] O ato de reconhecer deve ser algo valorizado, com sabor de conquista, na intensidade correta, no momento adequado. Reconhecimento nunca deve constar no manual de procedimentos da empresa, como algo normatizado, impessoal e frio. Deve ser uma atitude voluntária e usual da administração, em “efeito cascata”, que demonstre, uma preocupação constante com a Qualidade” (1996, p.95-97).

Esta não é uma prática comum quanto ao reconhecimento no futebol profissional. Geralmente o que vimos em noticiários são clubes com problemas, contratos não cumpridos, dívidas com a Receita Federal

e abandono de ex-jogadores de futebol após o encerramento de sua carreira. É discurso corrente socialmente que a maioria dos ex-jogadores de futebol profissional passam necessidades por conta da má administração de seus recursos, o que é responsabilidade dos mesmos. No entanto, uma questão que se impõe tem sido que isto é uma questão social que demanda uma política diferenciada, já que envolve um “mercado de trabalho” e relações sociais de trabalho que dificultam considerá-lo como profissional.

No que diz respeito ao futebol como uma profissão, fica evidente que não há unanimidade em considerá-lo como tal nas falas dos entrevistados. Coutinho afirmou:

“Ele é uma profissão, ele é uma profissão como qualquer outra, ele é tão desgastante como qualquer outra, mas, no entanto, ele se beneficia de uma maneira remunerada maior do que qualquer outra, então, eu acho que pra ganhar em termos de esporte mesmo, é Fórmula 1 e Futebol”.

Félix entende futebol profissional diferente das outras:

“Como as outras não, como uma profissão rentável. Bem rentável”.

Mengálvio afirma que:

“O futebol é uma profissão desde a minha época, era uma profissão não bem vista [...]”

Rincón acrescentou uma ressalva na compreensão do futebol como profissão:

“O futebol é uma profissão, sempre quando se projeta para uma profissão. Se você for um jogador de futebol

e termina o futebol e você não projetou nada, não é uma profissão. Então quando você projetá-la, visando parar de jogar um dia e vai ser um técnico de futebol, você se prepara para essa parada, aí é uma profissão. Talvez se você paga um curso de negócios, de gestão, aí vira uma profissão. Se você não faz nada, só quando pára você pensa em fazer outra coisa, aí já não é”.

A afirmação de Rincón confirma parte dos questionamentos desse estudo, uma vez que a “profissão” de jogador de futebol requer uma estruturação para o momento de seu final como jogador, sendo possível o empreendedorismo, outros formatos de inserção no próprio esporte ou a inserção noutra profissão conforme sua formação acadêmica.

Nas profissões já consagradas, percebem-se mais do que nunca, as possibilidades de se dar prosseguimento à carreira através de vários tipos de especialização. A profissão de jogador de futebol não proporciona essa opção. Quando muito, pode ser rentável apenas para aqueles que viraram bons técnicos como Zagalo, Wanderlei Luxemburgo, Emerson Leão e outros.

Pimenta aponta dados importantes para compreensão da amplitude da questão:

“O futebol aparenta ser um amplo mercado de trabalho para os jovens. No Estado de São Paulo, temos cinco divisões profissionais e, em média, cada divisão tem vinte clubes. Cada clube tem vinte a vinte e cinco profissionais em seu elenco, exceto os grandes clubes, que têm mais de trinta atletas inscritos. Grosso modo, temos aproximadamente de 2.500 a 3.000 atletas profissionais trabalhando no Estado [...] Na prática, a modernização do futebol, ao contrário da perspectiva de um mercado promissor,

promoveu o empobrecimento dos clubes de menor porte, a diminuição da qualidade do futebol, o achatamento dos salários dos jogadores, a transferência do processo de formação de atletas de rendimento para empresas privadas e a midiática do evento esportivo. Isso tudo em curtíssimo prazo” (2006, p.219).

Outra observação a ser feita para contextualizar essa questão é que, poucos profissionais de outras áreas ficam disponíveis vinte e quatro horas por dia, fins de semana e até meses, como os jogadores de futebol profissional, que se ausentam das relações familiares e se dedicam exclusivamente ao trabalho. É possível reconhecer os sacrifícios que fazem como decorrência da “profissão”, os riscos que correm, e a contribuição que trazem como modelos de cuidado para com a saúde trazidos pelos benefícios da prática esportiva. É possível reconhecer, também as histórias de mau uso do dinheiro recebido durante sua trajetória como jogador de futebol. É possível verificar histórias de sucesso e ajustamento, bem como histórias de verdadeiras tragédias pessoais e familiares. Estes aspectos nos levam a questionar se esse quadro, de fato, não seja um problema social que mereça uma análise mais aprofundada, e conseqüentemente, trazendo maiores benefícios para os próprios profissionais e também para que a sociedade possa perceber mudanças no profissionalismo do futebol, requeridas há tanto tempo.

Trabalhar ou ter uma profissão implica em atuar na principal forma de sobrevivência humana. Embora não sendo a única observam-se, cada vez mais as pessoas buscando outras formas de sobrevivência que independem do trabalho formal. Existem indivíduos prestando serviços a partir de suas residências, tem indivíduos com mais de uma profissão, tem aqueles que são empreendedores e tem aqueles que são especuladores. O que todos querem é o resultado final: a sobrevivência e a satisfação pessoal. Entretanto, o jogador de futebol profissional está

sujeito a situações pessoais inusitadas, que muitas vezes perturbam sua atuação, e conseqüentemente, repercutem como uma mercadoria deficiente, o que implica nos ganhos ou perdas no interesse do capital.

Pereira em sua tese de doutorado em Psicologia Social comenta a ligação do jogador e dos clubes e compara o futebol como:

“inevitável tecido da vida no capitalismo avançado e apresenta-se como uma segunda natureza para os que dela fazem parte ou por ela se interessam [...] O que ele (o jogador profissional) não pode é deixar de comprometer o funcionamento da matriz a que pertence e sua capacidade de atuação e valor diante de seus mecanismos articulares [...]” (2008, p.30).

Esta simbiose e suas conseqüentes relações mostram o que Toledo (1996) chama de processo de “esportificação”. Stigger (2002) diz que o futebol não pode ser interpretado somente como um fenômeno esportivo, pois deve ser atribuído também como resultado de industrialização da sociedade, da dominação do capital e da ideologia dominante. Esse processo foi caracterizado pela crescente absorção de uma atividade esportiva pelo mercado e sua respectiva institucionalização. Esta situação não impediu de levar o futebol a uma maior popularização, antes, pelo contrário, levou à sua própria legitimação como um esporte de abrangência nacional.

Com o crescimento das cidades, da industrialização e dos serviços, foram criadas novas possibilidades para aqueles que desejam uma inserção profissional, através de especializações inúmeras, em diferentes categorias. Com esse aumento da população e com o aumento das especializações, houve também um aumento da desigualdade. O jogador de futebol é um profissional que não pode atuar em outra área, porque este segmento não lhe oferece a opção de ter dois empregos, às vezes até de estudar, devido às inúmeras viagens, concentrações e treinamentos. Se o profissional não for preocupado com as questões além

de sua vida futebolística, ele se tornará alienado e esta possível alienação poderá lhe trazer dificuldades financeiras e frustrações pessoais que agredirão sua qualidade de vida.

O futebol em sua escala mais ampla passou cada vez mais no decorrer do século XX, no Brasil e em outras partes do mundo, a assumir a forma de “competição”, como uma maneira de reprodução e representação da estrutura capitalista, em que, assim como outros esportes, o futebol – especialmente no que tange a sua esfera “profissional” – passou a ser definido como uma “competição física jogada” (Stigger, 2002).

Para Stigger (2002), o futebol, como um dos ícones do esporte moderno, terá como características o fato de ser uma atividade secular, que preza pela igualdade, pela especialização, racionalização, burocracia, quantificação e pela busca de uma alta performance – conquistar recordes. Já Toledo (1996) analisa que o jogo em si, na sociedade moderna, é caracterizado por uma “isonomia das regras”, isto é, ele parte de um pressuposto em que os jogadores e as equipes partem de uma situação marcada por uma igualdade de condições (no caso do futebol isto se expressa, por exemplo, através do “zero a zero” inicial do placar, e do número igual de jogadores por equipe; são “*onze contra onze*”), em que no final, de acordo com a performance dos competidores, o resultado final tende a levar a uma assimetria entre os participantes, ou seja, existem os vencedores e os derrotados.

Neste contexto, o empate é visto sempre como um problema, dificilmente esta ausência de vencedores e derrotados é bem recebida. No caso do futebol, especialmente em momentos decisivos da competição, lança-se mão de artifícios como prorrogação e pênaltis para finalmente definir um vencedor; quando o jogo chega a estes termos, valoriza-se a conquista, e ela passa a ser tratada como um feito épico, uma “batalha” ganha.

Portanto, nas competições oficiais o “ethos amador” que caracterizava os jogos no início do século, passou com o decorrer do tempo a se inserir dentro da lógica do capital e do trabalho industrial, em que, através da idéia de rendimento e performance, insere-se no jogo cada vez mais o ideal de sucesso e a produção de hierarquias no esporte. Este processo irá marcar também a crescente especialização, racionalização e burocratização dentro dos clubes, em que diversas funções serão criadas (desde o preparador de goleiros, auxiliar-técnico e preparador físico, até dirigentes de futebol, de marketing, entre outros) para tornar o jogo e tudo que o cerca em um grande espetáculo.

Ainda segundo Stigger (2002), elementos do processo produtivo do capital passaram a determinar as relações no futebol, e passaram a se expressar no próprio corpo do jogador, na medida em que ele passou a ser tratado como uma mercadoria de grande visibilidade e com “data de validade”. Nesta linha, assim que o “capital corporal” do atleta não consiga mais render aquilo que é esperado dele, na maioria dos casos voltará à sua posição de origem, ou seja, de invisibilidade social. Os ex-jogadores, neste ciclo de reprodução do capital, tornam-se “sucata” do sistema de produção de atletas, obrigando a que muitos deles, se encontrem em condições de miserabilidade.

O Jornal Le Monde Diplomatique Brasil, numa reportagem no mês de junho de 2002³, aponta que o futebol, além de ser fonte de prazer, de socialização, de aprendizagem de regras e leis e de respeito ao outro, levando a que muitos sociólogos e filósofos não hesitem em atribuir ao futebol qualidades formidáveis – que indiscutivelmente ele possui e que justificam as paixões desencadeadas por esse esporte de um canto a outro do planeta – deve assinalar, no entanto, o que constitui seu paradoxo central: trata-se também de uma indústria baseada num sistema

³ Extraído do site <http://dipl.o.uol.com.br/imprima337>, acessado em 13/03/2009.

supranacional, capitalista, que é recoberta por um sentimento localista, regionalista e nacionalista, observado pelo referido Jornal:

“Na realidade, o futebol não é somente um esporte, mas também, e principalmente nas nossas sociedades de mercado, um setor econômico há muito subestimado e que se revela, por ocasião desta Copa do Mundo, um dos principais aparelhos estratégicos capitalistas, pois prepara as pessoas para o “horror econômico” e para a globalização liberal, fazendo-as aceitar a competição, a seleção, a flexibilidade, a precarização e o novo mercenarismo. Indiscutivelmente, admitindo-se que esse esporte-indústria desenvolve no mais alto ponto os dois parâmetros mais odiosos do sistema capitalista. De um lado, uma engrenagem mafiosa que se baseia na busca do lucro máximo (os dirigentes não hesitam em recorrer a empresas off-shore, em paraísos fiscais que servem para lavar dinheiro, corromper, fazer trambiques nos clubes, financiar o doping e controlar sistemas de apostas clandestinas). De outro lado, uma ideologia baseada no princípio do super-homem, da força, da violência, assim como num sentimento nacionalista fortemente localizado (não é só de surpreender que, de um extremo ao outro da Europa, as torcidas organizadas mais duras e violentas defendam explicitamente idéias racistas e se digam de extremadireita)”.

No Brasil esta realidade não é diferente. As mesmas práticas capitalistas se impuseram e vêm delineando o desenvolvimento deste esporte. A sociedade brasileira vem espontaneamente cooperando com essas práticas capitalistas, pois, para que as mesmas ocorram, é preciso

que se aproximem o máximo possível com os elementos de identidade social, cujo futebol se enquadra.

CAPÍTULO II

O FUTEBOL COMO FATOR DE IDENTIDADE NACIONAL

Segundo Marilena Chauí (2000), no decorrer do século XX, no Brasil, afirmou-se um discurso que buscou ressaltar uma suposta tradição do povo brasileiro dentro de um princípio de nacionalidade, dado através de ícones culturais pelo qual o futebol (com sua crescente visibilidade em decorrência de sua conquista) passou a se tornar um “semióforo” nacional, isto é, uma marca simbólica distintiva do povo brasileiro que leva a um sentimento de unidade e de integração nacional, dado através de um mito fundador, constantemente reinventado para manter sua atualidade, fruto de um produto social presente no imaginário do povo brasileiro.

No decorrer do século XX, o futebol, além do processo de “esportificação” que o levou a se inserir cada vez mais na lógica industrial dos jogos modernos, no caso do Brasil, também passou a ser utilizado com “fins políticos - ideológicos” pelo Estado brasileiro, especialmente a partir da primeira conquista brasileira da Copa do Mundo em 1958 na Suécia:

“Em 1958, quando a seleção brasileira de futebol ganhou a Copa do Mundo, músicas populares afirmavam que ‘a copa do mundo é nossa’ porque ‘com o brasileiro não há quem possa’, e o brasileiro era descrito como ‘bom no couro’ e ‘bom no samba’. A celebração consagrava o tripé da imagem da excelência brasileira: café, carnaval e futebol [...] Em 1958, sob o governo Juscelino Kubitschek, vivia-se sob a ideologia do desenvolvimentismo, isto é, de um país que se industrializava voltado para o mercado interno, para o brasileiro, e que incentiva a vinda do

capital internacional com condição preparatória para, conseguido o desenvolvimento, competir com ele em igualdade de condições” (Chauí, 2000, p.31).

Continua a autora apontando a mudança de discurso que houve entre as conquistas de 1958 e o tri mundial de 1970:

“Quando a seleção agora chamada de ‘Canarinho’, venceu o torneio mundial de 1970, surgiu um verdadeiro hino celebratório, cujo início dizia; ‘Noventa milhões em ação/ Pró frente Brasil do meu coração’. A mudança do ritmo – do samba para a marcha -, a mudança do sujeito – do brasileiro bom no couro aos 90 milhões em ação – e a mudança do significado da vitória – ‘de a copa do mundo é nossa’ ao ‘pra frente Brasil’, não foram alterações pequenas [...] em 1970, vivia-se sob a ditadura militar, sob a repressão ou o terror de estado sob a ideologia do ‘Brasil Grande’, isto é, da chamada integração nacional [...] a bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica” (2000, p.31-32).

Nesta perspectiva, é possível identificar, a partir dos trechos acima citados, dois movimentos que são complementares: o primeiro diz respeito à incorporação do futebol no imaginário de uma identidade nacional brasileira, que por sua vez aparece não como sendo algo estático, mas como uma construção histórica que se transformou de acordo com os contextos sociais de cada período. Já o segundo fator, corresponde aos usos “político-ideológicos” do futebol brasileiro (e de suas respectivas conquistas) feito pelo Estado Brasileiro, em que dentro de diferentes dinâmicas (“do bom no couro para os 90 milhões em ação”), uma mesma idéia permaneceu independente destes contextos históricos

diferenciados. O fator que perpassou estes diferentes momentos foi o que Cahú chama de “verdeamarelismo”.

“O verdeamarelismo foi elaborado no curso dos anos pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do país essencialmente agrário, e sua construção coincide com o período que o princípio da nacionalidade era definido pela extensão do território e pela densidade demográfica. De fato esta imagem visava legitimar o que restara do sistema colonial e a hegemonia dos proprietários de terra durante o império e o início da república” (2000, p.32-33).

Segundo a mesma autora, “verdeamarelismo” foi uma forma pela qual as classes dominantes utilizaram para que, frente às transformações que ocorriam no país, a estrutura de poder fosse mantida, na medida em que a classe dominante é tida como o elo com a civilização e com o progresso. Com isso, mesmo com a industrialização e o movimento modernista, o “verdeamarelismo” se manteve através de sua reformulação na “era Vargas” no intuito de se produzir uma identidade nacional. Nos períodos subseqüentes, embora esta “ideologia” tenha sido criticada por movimentos que reivindicavam o desenvolvimento de uma “consciência nacional”, como foi o caso do cinema novo e dos movimentos estudantis da década de 60, por exemplo, o Estado nacional brasileiro passou a reproduzir a ideologia do “verdeamarelismo” através de ícones culturais, como foi o caso com o futebol.

Logo, na medida em que o futebol enraizou-se nos diferentes estratos da sociedade brasileira, ele passou a ser usado como solução para o não acirramento das contradições e como forma de união e progresso, de modo que a questão nacional aparece como uma forma de homogeneização e de construção de um caráter nacional pautado na coerência e na convivência pacífica das diferenças, ou seja, uma espécie

de “democracia social e étnica”, apontada por Gilberto Freyre, concebida por uma sociedade mestiça:

“Creio que o Brasil, como comunidade nacional, tem que ser interpretado em termos de uma comunidade cada vez mais consciente do seu status ou destino de democracia social, cultural e étnica” (2000, p.181).

No Brasil, indivíduos pobres, mestiços, brancos ou não, têm alcançado realização pessoal e auto-estima, através do futebol e em outras expressões da cultura que contribuem para a formação da identidade brasileira.

Portanto, na medida em que o futebol, dentro de seu universo cria seus mitos, a concepção “ideológica” de uma identidade brasileira veiculada à imagem do futebol, se apropria destas criações como uma forma de atualização e reprodução do “semióforo” nacional, manifesto através destes ícones culturais, de modo que estas produções simbólicas presentes no futebol se expandam, generalize e se universalize para todo o corpo social, aponta Ortiz:

“A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode fundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional” (2006, p.41).

Nesta perspectiva, o futebol passou, cada vez mais, a fazer parte da cultura e do cotidiano do brasileiro, contribuindo para firmar essa identidade e vocação inspiradora para tantas produções artísticas, literárias e televisivas, entre outras. Até mesmo expressões próprias do “campo futebolístico” passaram a figurar no imaginário popular brasileiro, tal como: “pisou na bola, bola murcha, bola pra frente, embolar o meio campo, tirar o time de campo, o cara está na marca do penalti, vestir a

camisa, pendurar a chuteira, bater na trave, time novo, suar a camisa, em time que ganha não se mexe, foi mau, deixar o cara pra escanteio”, dentre muitas outras expressões, oriundas deste esporte que não pára de provocar o imaginário brasileiro.

Neste contexto, criou-se também a imagem em torno do futebol brasileiro de um sentimento único, em que ricos e pobres, negros e brancos, passam a compartilhar de um gosto comum e compartilham sensações recíprocas, independentes de sua posição social, quando o seu time perde ou ganha. Segundo Da Matta (1982), foi através do futebol que o povo brasileiro em parte passou a assimilar uma espécie de “cultura democrática”, visto que, por intermédio dos jogos – que, como já foi assinalado, é caracterizado pela uma isonomia das regras, que faz com que os participantes tenham uma igualdade de condições, mas que ao final do jogo de acordo com o mérito dos participantes haverá os vencedores e os derrotados – os torcedores e atletas passaram a incorporar a idéia do “saber perder e do saber ganhar”.

Neste sentido, o futebol passou a ser uma das principais expressões da cultura popular brasileira, fomentando as paixões das classes populares e o sonho de uma ascensão social através do futebol, transformando-se assim em um fenômeno de massa. Com isso, os estádios transformam-se em um espaço de explosão dos sentimentos, na medida em que o jogo tornou-se um momento no qual o torcedor vivencia as emoções, ou seja, produz aquilo que Elias e Dunning, citados por Stigger (2002, p. 29) denominam de “tensões agradáveis”, extrapolando a idéia do esporte como simplesmente um modo de libertação das tensões oriundas das relações de trabalho, visto que aponta para a produção de novas emoções no transcorrer da atividade esportiva:

Contudo, a visibilidade e o apelo popular de um fenômeno como o futebol irá depender da produção de seus ídolos no esporte, visto que ao projetar sua imagem para o corpo social maior, ele irá carregar consigo a imagem daquilo que o projetou a esta condição, fazendo com que

determinada prática esportiva ou mesmo cultural, consiga atingir um horizonte mais amplo. Conforme observa Debord:

“O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo [...]” (2008, p.30).

A sociabilidade que o futebol proporciona em milhões de pessoas do mundo tem alcançado projeções maiores quando inseridas em seu contexto, responsabilidades sociais ou atitudes responsáveis para com o ser humano e com o meio em que vive.

Esta projeção de questões sociais maiores para o futebol, pode ser vista também no que diz respeito às questões ambientais. Atualmente se fala na necessidade de pensar em soluções e atitudes que movam a sociedade para um posicionamento ecológico que cresce à medida que os próprios consumidores ficam mais conscientes e exigem produtos menos agressivos ao ambiente, o que na indústria já se chama de "TI verde". Assim, muitos fabricantes também têm trabalhado para desenvolver produtos com menos consumo de energia, além de procurar usar materiais menos poluentes. Um dos grandes focos de investimento nessa área é a energia solar e esta será evidenciada na Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

A rapidez com que as questões ambientais têm obtido destaque e importância no comportamento das pessoas pode ser um indicativo de que tanto consumidores quanto fabricantes deverão adequar ainda mais suas atitudes; estas preocupações passam a despertar interesses no futebol, para fomentar recursos, e, sobretudo, para propor inserção de programas ambientais. Em tempo da Copa do Mundo, quando bilhões de pessoas se prostram para torcer fanaticamente pela seleção de seu país ou para ver o mais importante torneio de futebol do planeta, já se

procura estudar a relação e a força do esporte com a gestão sustentável.

O jornal do Site Gorgulho⁴ mostra que a Alemanha montou para a 18ª Copa do Mundo um evento de grandes proporções, mas que gere pouca poluição e que seja ecologicamente correto na produção, na organização e no consumo. Esse é um programa que nasceu ainda na década de 90 e se chama Gol Verde! Nomeou até um embaixador especial em parceria com a FIFA, para o gerenciamento sustentável da Copa: o ambientalista Klaus Toepfer⁵.

Comenta-se, com ênfase, que a Copa da Alemanha implantou o programa Gol Verde [Green Goal] que marcou posição em quatro áreas: água, lixo, energia e mobilidade. O Gol Verde fez do evento, a Copa do Meio Ambiente. Foram 32 seleções, com cores variadas nos uniformes e bandeiras, mas todas ostentaram uma mesma cor nos seus objetivos: o verde do desenvolvimento sustentável.

O projeto Gol Verde tentou neutralizar todas as 100 mil toneladas de dióxido de carbono geradas pelo sistema de transportes, construção e manutenção dos estádios da Alemanha e também pela presença dos mais de 3,2 milhões de espectadores.

A candidatura do estado do Rio Branco para ser uma das sedes da Copa demonstra a força do futebol como um evento de influência planetária. A candidatura do Acre aposta no quesito consciência

⁴ Extraído do site www.gorgulho.com/reportagens/esporte_meio.htm, em 19/02/09.

⁵ Sub-secretário geral da Organização das Nações Unidas e diretor-executivo do PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). Foi diretor-executivo do Centro das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (HABITAT), entre 1998 e 2000, e diretor da Comissão para o Desenvolvimento Sustentável da ONU. <http://www.ana.gov.br/AcoesAdministrativas/RelatorioGestao/Rio10/riomaisdez> em 19/02/09

ecológica para sensibilizar os organizadores da Copa de 2014, defendida pela ex-ministra do Meio Ambiente Marina da Silva⁶:

"Foi cometendo a ousadia dos pequenos que o Acre decidiu enfrentar o tabu e se candidatou junto à FIFA para ser uma das sedes da Copa de 2014 no Brasil. O fez pelo futebol, pois somos tão apaixonados pela bola quanto todos os brasileiros. Mas, principalmente, porque viu em 2014 a oportunidade de levar adiante a bandeira verde assumida pela Copa de 2006.

De lá para cá, o tamanho dos problemas ambientais do mundo deu um salto exponencial, com o desafio das mudanças climáticas. Entendemos que, numa situação dessas, o evento que mais desperta atenção no mundo deve envolver-se e dar uma contribuição à sua altura para melhorar o futuro de toda a humanidade. Especialmente quando se realizar no país que tem em seu território a maior parte da floresta amazônica, o grande símbolo planetário da luta pela proteção da biodiversidade e da diversidade social e cultural associadas a um modelo de crescimento econômico sustentável [...]

Talvez poucos saibam que, já antenados para a fantástica possibilidade de fazer da força motivadora do esporte e do simbolismo da Amazônia um momento de mobilização planetária pelo meio ambiente, o Acre começou a "sonhar" concretamente há muito tempo. E colocou mãos à obra para ter uma estrutura logística condizente com sua demanda. Até

⁶ Extraído do site www.agencia.ac.gov.br/esporte em 20/03/2009.

por essa abertura à participação panamericana, a escolha de Rio Branco terá uma especial grandeza. Mas a maior será, sem dúvida, aliar, num só lugar, dois grandes campeonatos do século XXI: o maior torneio esportivo e o maior desafio civilizatório que é, o de fazer a transição para um modelo de desenvolvimento baseado em valores humanos e respeito ao meio ambiente”.

Outro autor que tratou da força do futebol como parte da identidade nacional foi Roberto Da Matta, o qual chega a comparar a Copa do Mundo, no Brasil, com a comemoração da maior data cristã:

“E pensei: aqui a Copa do Mundo, esse ritual competitivo que ocorre de quatro em quatro anos, tem o mesmo papel do Natal em países como os Estados Unidos. Só que, na América, são as lojas, residências e ruas comerciais que se enfeitam na celebração natalina. E aqui, o povo emoldura suas casas e, significativamente, as ruas com imagens, cores, bandeiras e objetos alusivos à copa do mundo e, nela, ao glorioso futebol brasileiro [...] O ritual permite e requer a “fantasia”: o enfeite que faz com que se tenha consciência de viver o momento fora do normal [...]” (2006, p.91)

É comum se ouvir o discurso de que “o brasileiro nasce com a bola no pé”. Isto é tão determinante da configuração social brasileira que, para comparar, dizemos que não se pode dizer que haja, no Brasil, por diversas razões, a mesma performance para “nascer com os livros na mão”.

Um interessante trabalho de Souza e colaboradores, aponta exemplos de como isso acontece:

“O sucesso nesse esporte faz com que o Brasil seja visto tanto pelos próprios brasileiros como pelos estrangeiros como o “país do futebol”. Não por acaso o jogador Thierry Henry, do selecionado time francês, declarou, às vésperas de uma partida contra a seleção nacional, que jogar contra os brasileiros era tarefa difícil pelo fato de estes “nascerem” jogando futebol. Em matéria do jornal Folha de S. Paulo (Técnica..., 2006), a técnica refinada dos jogadores brasileiros seria resultado, segundo Henry, das horas a fio, durante todos os dias da semana, que os jovens aqui passam praticando futebol. As crianças francesas, em contrapartida, como argumenta, são obrigadas a freqüentar a escola durante período integral e se ocupam, logo depois, com as tarefas escolares em casa” (2008, p.1).

Stigger (2002, p.40) aponta duas dimensões não excludentes, para entender o futebol: uma dimensão “macroscópica” e a segunda “microscópica”. A macroscópica é caracterizada por sua estruturação institucional, ou seja, o futebol profissional, os torneios oficiais, etc. Por outro lado, este esporte se processa também em uma escala “microscópica”, que consiste nas práticas esportivas que se tecem no cotidiano, nas ruas, nos condomínios, nas escolas, etc. A importância de se pensar através destas duas dimensões decorre do fato de que o esporte é uma forma de expressão de diferentes “estilos de vida”, em que, as motivações que levam um indivíduo a escolher a carreira de jogador de futebol, decorrem - dentre outros fatores, do fato de ele incorporar um “estilo de vida” que lhe é anterior e exterior, de modo que desde a infância ele passa a forjar em seu corpo um “capital futebolístico”, ou seja, será através das práticas cotidianas que se processam tanto nas ruas como em campos de várzea, ou mesmo em “escolinhas de futebol” (em menor intensidade), que muitos jovens ao mesmo tempo em que buscam uma

forma de diversão e de lazer, passam também a incorporar técnicas e a produzir “sonhos” de um dia se tornar um jogador de futebol.

Dessa forma, neste trabalho o futebol será focado mais no seu sentido macroscópico, na medida em que permite uma análise social fecunda.

Segundo Magnane expressou:

“O esporte é o principal polo de atração para as atividades aprovadas, lícitas, conscientemente sociais e no, sentido mais amplo da palavra, dóceis” (1969, p.39).

Outro elemento de fundamental importância no futebol profissional, mais do que em outras atividades esportivas contribui para a assimilação, universalização e reprodução da identidade nacional, é o fato de que ele proporciona ao público, um verdadeiro espetáculo, uma interação e uma sinergia que só se explica no interior do mesmo. Ninguém neste mundo pode falar plenamente de futebol e suas particularidades se nunca assistiu ao vivo a um jogo de futebol nas arquibancadas de um estádio. Muitos roem as unhas, outros gritam de forma que jamais fariam em outro lugar, outros, mesmo assistindo ao vivo da arquibancada, carregam seu radinho de pilha para ouvir a narração do mesmo, outros usam em suas vestimentas o nome de seu time (e até em sua roupa mais íntima). Tudo isto compõe o espetáculo.

Em época de Copa do Mundo o espetáculo se amplia e os problemas parecem menores, e às vezes até parece que não existem. Pereira analisa assim:

“Em um país de tamanha desigualdade social como o Brasil, o futebol, assim como o carnaval e as telenovelas, têm o sentido do “Circo” que alegra e distrai o povo cheio de necessidades, que,

literalmente, está sem “pão”. Como maior fenômeno de massa do país de miseráveis, o futebol é contexto para exorcizar as faltas e se travestir de verde e amarelo de modo a exaltar seus tipos, os quais, de forma identitária, refletem desejos de ascensão e de possibilidades. Os ídolos, os atores principais, os heróis, ou seja, os jogadores passam a ser adotados por todo o corpo social como um representante da nação, fonte de orgulho e auto-estima desse povo” (2008, p.33).

O espetáculo apresentado pelo futebol profissional simplesmente impressiona pelos números. Número de torcedores, número de dirigentes, número de clubes, número de jogadores e números financeiros. Calcula-se que no Brasil sejam mais de 13 mil times, milhares de jogadores, 589 estádios capazes de receber, simultaneamente, 6 milhões de torcedores. Cada ano são vendidas 60 milhões de camisetas, 7 milhões de bolas, 4 milhões de chuteiras. Estima-se que o futebol movimenta por ano, no Brasil, 6 bilhões e dólares⁷.

A relevância social que esse esporte mantém, leva-nos a uma discussão mais ampla a respeito das combinações e vínculos entre o trabalho e as políticas sociais, apontando para uma das problemáticas mais centrais deste início de século: a promoção de uma organização social mais justa e menos excludente. O futebol brasileiro pode e tem todas as credenciais para se inscrever numa política de trabalho diferente de como se apresenta atualmente, mas, pelo que nos consta, ainda não é o que acontece no Brasil. Para tanto, julgamos ser necessário compreender, através de uma análise sociológica, as questões principais que interferem nesse processo, ressaltadas no próximo capítulo.

⁷ Extraído do site www.museudosportes.com.br em 15/02/2009.

CAPITULO III

O FUTEBOL COMO PROJETO DE VIDA: A CARREIRA DO JOGADOR PROFISSIONAL

Este capítulo analisa a carreira do jogador de futebol profissional brasileiro sob a ótica do mundo do trabalho na atualidade e a partir das convenções sociais estabelecidas.

Atualmente as mudanças das condições estruturais econômicas e suas consequências na organização social contemporânea, questionaram a eficácia da centralidade do trabalho na sociedade.

A tese de Offe é que:

“[...] o mercado de trabalho enquanto princípio alocativo da força de trabalho tem tido apenas um êxito limitado, e dificilmente chegará a uma posição de se sustentar como princípio dominante [...]” (1995, p.72)

Na tentativa de se verificar o significado da “força de trabalho” no segmento do futebol profissional no Brasil e seu papel na transformação do trabalho na sociedade capitalista contemporânea, é pertinente considerar que este trabalho é apenas mais um na atividade humana, entre outros tantos rentáveis.

Os desafios de permanência no trabalho passam pela qualificação do indivíduo, pela lógica do mercado capitalista, ditando as regras do mesmo, fazendo com que nenhum setor de atividade se livre das grandes transformações e determinações desse capitalismo.

Nem mesmo os setores esportivos têm fugido a essa regra. Enquanto os “elementos sedutores” (Pimenta 2006, p.141) da maioria dos jogadores de futebol profissional têm atraído seus olhos, para o capitalismo, os “elementos sedutores” têm sido a valorização do capital,

cuja finalidade é criar novas mercadorias, para continuar seduzindo os olhares pelo mundo afora.

De uma forma geral, como consequência das regras capitalistas e a falta de autonomia do indivíduo, tem-se evidenciado uma relação de subordinação do mesmo, além de colocá-lo como alienado e como sujeito privado. Sua identidade desaparece ou se oculta e a figura de uma mercadoria lhe é estampada, conforme observa Mézaros, ao citar Karl Marx. Diz o autor:

“Marx também observa que a lei da oferta e da procura governa a produção dos homens, tanto quanto a de qualquer outra mercadoria, e que o trabalhador como “capital vivo” é uma forma especial de mercadoria que tem a infelicidade de ser um capital “carente”. Mas, como resultado da lei da oferta e da procura, “suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é estranho”. Isso significa que as necessidades humanas só podem ser satisfeitas até o limite em que contribuem para a acumulação de riqueza. O trabalhador é uma mercadoria porque é reproduzido apenas como trabalhador, e de acordo com as necessidades da propriedade privada...” (2006, p.133)

Para este mesmo autor (2006), Marx refere-se à alienação como uma situação resultante dos fatores materiais dominantes na sociedade caracterizada como capitalista, pois o trabalho humano se processa de modo a produzir coisas que imediatamente são separadas dos interesses e do alcance de quem as produziu para se transformarem indistintamente em mercadoria.

Com base nessas idéias como analisar o trabalho do jogador profissional e até que ponto o futebol enquadra-se como alienação ou

como mera expressão popular espontânea? Esta questão foi assim observada por Giardullo⁸:

“O futebol, principalmente a partir dos anos 60, foi tachado por muitos intelectuais, em geral de esquerda, de ser utilizado pelo Estado, para distração, alienação das massas, como um dos “ópios” do povo, para assim mantê-lo desligado das decisões políticas. Essa crítica ao futebol se acentuou durante o período da ditadura militar, quando a conquista do tri-campeonato mundial pelo Brasil ocorreu simultaneamente ao acirramento da repressão militar e ao ufanismo do “milagre brasileiro” - desenvolvimento econômico aparente promovido pelos militares.[...] Podemos dizer que essa visão é coerente e que a alienação promovida pelo futebol não se restringiu ao período militar. Na “democracia” instalada em seguida, podemos ver a força com que o futebol distrai as massas. E agora, temos mais um fator: a consolidação da exploração do futebol pelo consumismo. As técnicas de marketing utilizam muito bem as paixões dos torcedores por seus clubes e ídolos.[...] Esse é o grande dilema que temos frente a esses elementos da cultura popular brasileira. Além da alienação política, corre-se o risco de o Brasil continuar sendo bom só nisso, a velha máxima do país do futebol e carnaval. E internamente, os negros e pobres continuarem tendo hegemonia, mas só como jogadores de futebol e cantores de samba (hoje, pagode).[...] O futebol traz em si esta dicotomia: pode ser ao mesmo tempo libertário e alienante. Pode significar auto-estima e

⁸ Extraído do site www.duplipensar.net/artigos/2004-Q3/futebol.html em 28/02/2009.

oportunidades aos excluídos, mas pode também limitá-los. Eu acredito que o futebol, o samba e a capoeira podem ser melhor explorados em sua relação espontânea com as massas e como a identidade brasileira. Porém, com o cuidado de não restringir o povão só a isso, mas usar esta relação como um trampolim de autoconfiança, para se galgar outras conquistas”.

A forma como o futebol profissional se apresenta adequado ao capitalismo, fomenta a questão da alienação contribuindo para as expectativas e ilusões em milhares de jovens no Brasil e no mundo.

Na percepção do ex-goleiro Félix:

“Tive ilusão com companheiros, com colegas e com a maioria dos dirigentes”. As pessoas se iludem. Não só jogador de futebol”.

Para o ex-jogador Rincón:

“Hoje o futebol é mais ilusão do que razão”.

Importante ressaltar que as diferentes épocas trouxeram diferentes ilusões e diferentes tipos de honras. Atualmente os aspirantes ao futebol profissional se iludem em conhecer o mundo inteiro, ter acesso a carros, mulheres, apartamentos de luxo, iludidos pelo status social alcançado por muitos jogadores, como apontado por Pimenta por um de seus entrevistados:

[...] Essa é a vida que eu quero ter (pelo menos, segundo ele, passou por sua cabeça), ser jogador bem remunerado, ter vida boa, conhecer praticamente o mundo inteiro em função do futebol, estar sempre na mídia, todo mundo falando. Acho que todo mundo

quer uma vida assim e procura ter uma vida desse jeito. [...] eu acho que eu ia gostar dessa vida, mulheres, dinheiro. Também, nossa! Mulheres, dinheiro, carro, viagens, tudo” (2006, p.141).

Apesar do ex-jogador Mengálvio afirmar que a ilusão não se aplica somente aos jogadores de futebol, percebe-se que essa ilusão em relação ao futebol tem aumentado em decorrência dos altos ganhos e sucesso, alcançados por muitos:

“As pessoas se iludem. Não só jogador de futebol. As pessoas normais se iludem e põem muita ilusão na cabeça. Tem muito menino assim. Está certo que as pessoas têm aquela vontade de ser alguma coisa na vida, prá batalhar... No futebol tem ilusão demais [...]”

Optar por uma carreira profissional, onde os homens e mulheres buscam no trabalho o significado, a estabilidade e a segurança de suas vidas, requer muita concentração.

Nunca na história da humanidade houve tantos tipos de profissão, e isso se deve aos diversos serviços surgidos nos últimos anos, novas convenções universais de liberdade, da prática da informação, do vínculo empregatício não obrigatório, e de fatores econômicos eficazes das grandes corporações. Estamos numa sociedade de serviços, conforme aponta Antunes (2005), evidentemente para quem sabe desenvolver algum tipo de serviço.

A decisão de escolher uma profissão emerge muito forte na passagem da adolescência para a juventude. Referenciais do passado começam a ser revisitados na memória e outros referenciais se apresentam. O trabalho árduo do pai ou da mãe e de outros familiares, que na memória do adolescente, revela dureza de vida, e a luta para adquirir as necessidades básicas, colaboram também para que este adolescente ou jovem abra os olhos para o mundo do futebol, crendo que, através dele, além de tantas outras “vantagens” possa, se afastar do

mundo árduo do trabalho de seus familiares. Se ganhar na loteria tem sido a sorte de poucos em milhões, mas talvez ser jogador de futebol profissional seja uma opção menos impossível.

Para os que chegam à juventude, o peso das novas escolhas agora recai sobre ele. Pahl exemplifica esta questão quanto aos tipos de caminhos a serem percorridos nas escolhas para a fama e sucesso:

“Indivíduos excepcionalmente talentosos, oriundos de meios relativamente humildes, podiam tornar-se cantores de ópera, jogadores de futebol, governadores de Estado ou ministros. Entretanto, o principal mecanismo de progresso para os que se achavam no serviço público, nas grandes indústrias ou em funções liberais era a carreira. Elimina-se a carreira e riscos bem maiores, como também a incerteza vem rodear a idéia do sucesso. Sem escaladas bem-definidas e bem-estruturadas, torna-se mais difícil preparar-se para o êxito e ter a certeza de que aquilo que a pessoa considera como êxito conta com ampla aceitação social. E sem aceitação social, toda a noção de sucesso é abalada. Se as pessoas não estão seguras quanto à sua posição social, podem sentir a ansiedade do status ou retirar-se de uma corrida na qual o progresso é medido de maneira tão ambígua e imprevisível” (1997, p.16).

O pensamento do jovem muitas vezes caminha junto com a corrida da tecnologia, com a velocidade das informações, sem se dar conta ou sequer imaginar, que o futebol também causa alienação, muitas vezes mais que outros trabalhos, a ponto de lhe afastar de sua vida social, familiar. Por isso a decisão de escolher uma profissão passa por outras questões, como lembra Mézaros: “vontade” e “consciência”, pois o

capitalismo se encontra introjetado em qualquer segmento social. Segundo este autor:

“A atividade produtiva é então a fonte de consciência, e a “consciência alienada” é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é da auto-alienação do trabalho [...] Marx usa a expressão: corpo inorgânico do homem, que não significa simplesmente aquilo que é dado pela natureza, mas a expressão concreta e a materialização de uma fase e uma estrutura historicamente dada da atividade produtiva, na forma de seus produtos, dos bens materiais, às obras de arte. Como resultado da alienação do trabalho, o “corpo inorgânico do homem” aparece como meramente externo a ele, portanto, pode ser transformado em uma mercadoria [...] O indivíduo é confrontado com meros objetos (coisas, mercadorias), uma vez que seu “corpo inorgânico”- “natureza trabalhada” e capacidade produtiva externalizada - foi dele alienado. Ele não tem consciência de ser um “ser genérico” [...] Em lugar da “consciência da espécie” do homem, encontramos o culto da privacidade e uma idealização do indivíduo abstrato” (2006, p.80).

A fala de Félix constata:

“O corpo de todo atleta é uma mercadoria. Tanto você pode ser jogador de futebol, lutador. No boxe ele usa o corpo, nadador, ele usa o corpo. Além de usar o corpo ele usa o fôlego, a cabeça [...] Em todos os esportes você usa o corpo totalmente em seu proveito. E também tem os aproveitadores que encostam na gente e aproveitam da situação. Tem cara que as vezes te convida para um evento e te

oferece, por exemplo, R\$2000 reais para participar de uma palestra, que normalmente o pessoal chama. Aí você diz tudo bem, mas ele já levou R\$5000 reais. E ele não repassa porque é intermediário e muitas vezes ganha mais do que você”.

Mengálvio complementa:

“O futebol tem o seu tempo. Enquanto ele é jovem e tem as suas energias todas, ele sendo um jogador realmente bom, está sempre em evidência. Já quando não tem aquela condição física de jogar, o jogador vai ser esquecido. Então é a hora dele aproveitar o tempo que ele realmente tem condição de jogar. O tempo não é muito longo [...] é certo que eles aproveitam quando vêem mercadoria boa. Não só o jogador de futebol, o artista também, cantor... Eles procuram explorar o máximo deles. A pessoa é explorada. Esse pessoal ganha muito dinheiro. Você vê o caso do Ronaldo, quantas pessoas estão ganhando. Ele quer parar mas o pessoal diz assim: ainda dá, ainda dá... E o cara vai”.

Na avaliação de Félix, alguns aproveitadores são apontados:

“Agora os dirigentes são mais “olho grande” que antes [...] Pois se você espera alguma coisa do dirigente você não vai encontrar nada, pois o dirigente não te ajuda, ele não lhe estica a mão. Você é reconhecido pelo público, pois o dirigente não lhe reconhece. O povo me reconhece pelo que eu fui e sou, e sabe o que nós fizemos no futebol brasileiro. Quanto mais ganham, mais querem”.

São muitos os motivos que fazem do futebol profissional no Brasil como a profissão mais cobiçada, principalmente, é claro, pelos jovens, que além dos aspectos físicos conquistados (o corpo perfeito), outros aspectos também importantes se destacam, entre eles: ter sucesso com o público, com a imprensa, com as mulheres, ter carrões e cartões de crédito para gastar, casas novas, viajar o mundo. Tudo isto faz parte dos “elementos de sedução”, apontados também por Pimenta, através de uma entrevista com um desses jogadores:

“[...] Essa é a vida que eu quero ter (pelo menos, segundo ele, passou por sua cabeça), ser jogador bem remunerado, ter vida boa, conhecer praticamente o mundo inteiro em função do futebol, estar sempre na mídia, todo mundo falando. Acho que todo mundo quer uma vida assim e procura ter uma vida desse jeito [...] eu acho que eu ia gostar dessa vida, mulheres, dinheiro. Também, nossa! Mulheres, dinheiro, carro, viagens, tudo” (2006, p.141).

A possibilidade de ganhos elevados foi apontada pelo ex-goleiro Félix:

“[...] o atleta ganha o suficiente para comprar um apartamento por mês de três dormitórios. Na época para a gente comprar tinha que ser pela Tabela Price em 10 anos ou 20 anos financiado pela Caixa Econômica, e olhe lá [...]”

Na edição especial da Revista Veja sobre a Copa do Mundo⁹ foi apontado que:

“[...] o objetivo de praticamente todos (os jogadores) é chegar à Seleção, brilhar e enriquecer, é comparável ao de ganhar na loteria”.

⁹ Revista Veja. Editora Abril. Edição Especial nº 66. Ano 39. Junho de 2006, página 15.

Esse apontamento de ganhos elevados feito pelo ex-goleiro Félix evidencia o que Pimenta traz em seus estudos, com dados importantes para entender porque o futebol profissional continua atraindo tantos jovens.

Mengálvio também aponta para épocas diferentes dessa atual e relata:

“Na minha época não se ganhava tanto como se ganha agora [...] Porque hoje você tem um filho de 5 ou 6 anos e você vai dizer que ela vai ser jogador de futebol, porque ganha bem e é uma situação que financeiramente vai elevar bastante o nível de todos. E aí você vê que hoje, a primeira coisa que quando surge um atleta, já leva para o exterior ganhando fortunas”.

Rincón também comentou esse assunto:

“Hoje todo mundo quer ganhar dinheiro com o filho independentemente da pessoa agir, um quer atropelar o outro”.

Todas essas características comportamentais deixam repercussões no futuro, o que, somado à falta de base educacional e melhor regulamentação profissional, geram o que se presencia rotineiramente: ex-jogadores de futebol descartados e abandonados.

Em qualquer clube de futebol do Brasil, por menor que ele seja, encontram-se vários garotos em seu portão de entrada, sonhando em entrar para aquele “mundo do futebol”, através da famosa “peneira”. Numa conversa informal com um garoto no portão do Parque São Jorge, sede do Sport Clube Corinthians Paulista, foi perguntado: o que você está fazendo aqui? Ele respondeu: vim fazer um teste. Enquanto isso, o

portão estava aberto para a saída de vários jogadores que acabavam de treinar. Impressionado com o que via, disse: “*vou ser igual a ele*”.

Já sabemos que para aqueles que aspiram esta profissão, a trajetória não é nada fácil e os desafios são acentuados mesmo depois de serem selecionados, pois outros momentos de seleção ocorrerão durante toda a carreira.

Pimenta (2006) aponta vários exemplos segundo os quais muitos desses ex-jogadores apresentam o futebol profissional como trajetória efêmera com benefícios econômicos, políticos e socioculturais para poucos.

Pimenta aponta um exemplo deste aspecto, na fala de um jogador:

“Ser um jogador de futebol não é uma caminhada fácil. Não é não. [...] não é tão simples! Ele vê na televisão o cara com um carro bonito, o cara com uma garota bonita, o cara com casa, mas só que para ele chegar nesse estágio ele tem trabalhar muito, ele tem que ser sério, que ser determinado em setores diversos, na parte física, na parte técnica, na parte social, na parte relacional com os jogadores e com o clube. Tem que ser bastante aplicado, ter vontade de vencer, não sentir saudades da família, dar sorte, enfim não é só futebol” (2006, p.67).

Como se pode perceber, optar em ser jogador de futebol profissional não compreende uma escolha fácil. Apesar de que diversas profissões exigem padrões de excelência, o futebol se diferencia por inúmeros aspectos e envolve riscos de perda de todas as expectativas de uma hora para outra. Quando os acontecimentos não transcorrem como o sonho, geralmente não resta outra saudável opção, pois os que enveredam por este caminho, por exemplo, raramente se dedicam aos estudos e à construção de uma carreira alternativa.

Na juventude o desenvolvimento da auto-estima e as responsabilidades começam a depender mais de como o jovem vai administrar sua vida. Suas escolhas já não são mais de brincadeiras e elas podem, de agora em diante, ter um preço alto no futuro. Chega o tempo de definir questões como trabalho e educação. Mas, a história de vida de muitos jogadores de futebol profissional, mostra que a maioria deixa os estudos, empolgados com o estrelato da carreira profissional.

Para Magnane, os astros do futebol são como astros de cinema:

“A semelhança dos campeões ilustres com os astros de cinema é significativa. A sedução que exercem sobre a multidão tem as mesmas causas: necessidade de um herói que triunfe sobre as dificuldades que nós próprios sofremos, e com quem a identificação seja possível, mesmo fácil. Os campeões permanecem heróis populares porque são quase sempre de origem modesta. Ainda mais, eles obtiveram sucesso por meios leais, e que parecem oferecidos a cada um: bons músculos, destreza, tenacidade. E também, claro está, sorte. Quanto mais sorte, tiverem, mais são amados pelos deuses e pelo povo” (1969, p.99).

A identificação do ídolo com o público é construída a partir de suas conquistas, em comunhão com sua história de vida. A importância da biografia do atleta decorre da aproximação da idéia do homem ideal (o herói) com a vida real, para isso, especialmente no futebol, destacam-se as dificuldades e os percalços na infância e o processo de superação que o levou a se transformar em um ídolo, de modo a produzir aquilo que Humberto Eco (1970) denominou de “fascínio do Super-Homem”, ou seja, a trajetória de um homem comum alçado à condição de herói. As crianças, ainda na mais tenra idade, vêem seus pais se emocionando com os heróis do futebol, muitas vezes gritando, outras vezes chorando; nem

mesmo, Batman, Homem Aranha, Super Homem, Mulher Aranha, Homem de Aço e até mesmo o Incrível Hulk podem substituir aqueles heróis do futebol. Ver aqueles homens e mulheres como salvadores do mundo dos terríveis vilões e seus planos mirabolantes perdura por um tempo, mas os heróis do futebol permanecem.

Pereira pergunta:

“Seriam esses jogadores de futebol humanos ou seriam eles novos deuses em formato de máquinas? Seriam heróis reeditados pela tecnologia, ou anti-heróis pelo modo como se fazem heróis? Esses mesmos atletas, na atualidade, aceitam se submeter a arriscadas conduções, pois o que importa é chegar ao fim que é a vitória, a qualquer custo, mesmo que isto os leve, posteriormente, a despencar do pódio, quando, então, cairá o manto e se revelará o doping do existir como atleta” (2008, p.35).

Já tivemos, e, ainda temos muitos super-heróis em diversas modalidades esportivas. Na Fórmula1, além de outros pilotos, tivemos Ayrton Senna que com seu arrojo na pista emocionava multidões nas manhãs de domingo. No tênis, o Brasil teve Gustavo Kuerten que com espetaculares batidas nas bolinhas, no ano de 2000 terminou como número um do mundo, para alegria do Brasil e principalmente dos catarinenses. Entretanto, nenhuma modalidade esportiva produz tantos heróis quanto o futebol profissional.

Nesta perspectiva, os atletas passam a ser alvos das emoções dos torcedores, de modo que projetam no corpo do jogador suas intensidades, ou seja, o torcedor sai de si e passa a viver como o outro, passa a jogar com o time e vivenciar as emoções na derrota ou na vitória, passam a copiar seus ídolos e imitar seu estilo e comportamento.

Os ídolos do futebol são também encarados como heróis, haja vista que o universo esportivo é permeado pela idéia da luta de guerra onde “na Grécia Antiga os festivais eram considerados sagrados [...] e os vencedores premiados” (Helal, 1990 p.35). Esta concepção remete a uma questão que envolve a maioria dos esportes, especialmente o futebol, o predomínio da virilidade masculina em sua prática. Dentro da prática esportiva, como também nas dimensões que rodeiam o futebol, pode-se observar um “ethos masculino”. A título de exemplo, basta constatar o “preconceito” contra o futebol feminino (não só de elas praticarem, mas da imagem que fazem da mulher no futebol (isto fica claro na utilização de expressões pejorativas, como por exemplo – “chutar a bola como uma moça”).

É claro que isso vem mudando, basta ver em diversos clubes do Brasil a famosa “peneira” agora também para mulheres. Muitos países já começam a olhar o futebol feminino como um espetáculo esportivo reconhecido principalmente nos últimos acontecimentos, como na Copa do Mundo de Futebol Feminino/2007 e nas Olimpíadas/2008, lotando arquibancadas.

Nesta perspectiva, o futebol irá se caracterizar como uma forma de se fazer guerra por outras vias, onde o campo de jogo se metamorfoseia em um campo de batalha, de modo que os ídolos se transformam em heróis. Esse pensamento tem origem nos rituais tradicionais com enfrentamento de grupos. Desta forma, mesmo que os ídolos não estejam com o intuito de representar a nação, eles acabam por cumprir este papel, na medida em que caberá a eles o papel e a responsabilidade de se sobreporem aos outros, seja no “enfrentamento de grupos e disputas por querelas locais” ou mesmo, entre nações (Damo, 2002, p.17).

Estas características heróicas irão produzir e transformar determinados jogadores em paradigmas de anseios sociais, de modo que passam a ser alvos do interesse da mídia, que, por sua vez, com base no sucesso do atleta, irá construir os ídolos, como foi o caso, por exemplo,

do tenista brasileiro Gustavo Kuerten, que a partir de suas conquistas no tênis, passou a condição de um ídolo nacional, mesmo que seu esporte, o tênis, não desperte tantas paixões como o futebol, no Brasil.

Por outro lado, a própria mídia e a sociedade podem ficar órfãos de heróis nacionais, como foi o caso da lesão estrutural que fez Gustavo Kuerten abandonar a carreira precocemente, da morte de Ayrton Senna, e de outros esportes que não mais fizeram nenhum ídolo de grande expressão, como se vê no futebol, nas pessoas de Kaká, Robinho, Alexandre Pato, Ronaldinho Gaúcho e outros. No esporte brasileiro, em geral, é preciso surpreender, produzir feitos dentro de suas modalidades, de modo a justificar sua posição de ídolo nacional, mesmo com a ajuda e o esforço da mídia em alçá-los a esta posição.

A maioria dos melhores jogadores de futebol profissional brasileiros é oriunda de classes menos privilegiadas, segundo o que a imprensa tem nos mostrado ao longo dos anos. A Revista Veja¹⁰ também nos mostra alguns desses jogadores e de como chegaram à seleção brasileira:

“No Brasil, milhares de garotos tentam a sorte todos os dias nas peneiras organizadas por clubes e empresários para selecionar jogadores. Trata-se de um mercado restrito: há 20 mil atletas profissionais de futebol no país. Metade ganha apenas um salário mínimo por mês. Cerca de 600 conseguem jogar em times da primeira divisão, a cada ano, enquanto 800 partem para aventura no exterior (há brasileiros atuando em toda a parte, da Venezuela a Brunei). O objetivo de praticamente todos, chegar à seleção, brilhar e enriquecer, é comparável a ganhar na loteria [...] Talento puro está longe de ser o único requisito para passar por tantos funis e tornar-se um desses 28

¹⁰ Revista Veja. Editora Abril. Edição Especial nº 66. Ano 39. Junho de 2006, página 15.

privilegiados. [...] Futebol é o esporte coletivo mais individual que existe. A chance de você ter sucesso, por melhor jogador que seja, é muito pequena”, diz o meio-campista Juninho Pernambucano”.

Algumas entrevistas de jogadores da Seleção Brasileira à Revista citada revelam um pouco de suas histórias.

Cicinho começou a sonhar em ser um jogador de futebol quando viu Raí fazer o gol do título mundial de clubes para o São Paulo, contra o Barcelona, em 1992. *“Eu queria ser igual a ele, fazer um gol decisivo”,* recorda. *“Aos 11 anos, viajou escondido da mãe – tinha operado a garganta – para um jogo de futsal do time da cidade. Fez seis gols e jogou tão bem que escapou do castigo ao voltar para casa. Dois anos depois, com a ajuda dos tios que emprestaram o dinheiro da passagem, foi tentar a sorte no Botafogo de Ribeirão Preto”.*

O despertar para o futebol obedece sempre o mesmo sentido, embora com trajetórias diferentes, ou seja: o desejo de ser jogador de futebol se consolida já na infância. Todos os jovens que entram nessa rotina, seja em escolinhas de futebol, nas praças, nas ruas ou qualquer outro lugar, sonham com a carreira e, conseqüentemente, com o sucesso esportivo, conforme Pimenta:

“Não restritas ao prazer da prática, as identificações com o futebol se ampliam pela afinidade com o clube e com os ídolos. Antes de constituir o sonho da carreira futebolística, o jovem desenvolve identificações com determinado clube e com um determinado jogador. O clube e o jogador passam a ter um significado importante na trajetória do interessado” (2006, p.165).

Quase todos os jogadores da seleção tiveram um parente mais velho que foi jogador de futebol, mesmo que não tenha chegado a um

clube profissional. Essa experiência profissional ajuda porque o parente fornece contatos úteis para ganhar uma chance em um time.

Helal (1997) comenta que na maioria dos clássicos da literatura da Sociologia do Esporte, encontra-se uma discussão sobre o fim do elemento lúdico e sobre a secularização e racionalização dos esportes modernos. O ponto de partida para qualquer explicação e concepção do lúdico no esporte tem sido a distinção feita entre brincadeira, jogo e esporte. Em geral, essas atividades têm em comum a idéia de serem retiradas do mundo do trabalho.

O livro de Huizinga (2001) aborda o jogo como elemento da cultura e diz que a brincadeira é uma atividade que não tem interesse material ou comercial. Para Huizinga, a brincadeira transcende as necessidades imediatas da vida e contribui para o desenvolvimento humano e para as criações culturais. A brincadeira seria uma atividade voluntária, espontânea, sem nenhuma regra fixa e nenhum significado além ou acima dela.

Para Helal (1997), a brincadeira “é uma atividade que é um fim, em si mesma. Não obstante, nos tempos modernos, a brincadeira tem sido submetida à racionalização da vida industrial e, conseqüentemente, houve uma mudança drástica em direção à seriedade”. Helal também mostra que o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação.

Existem várias formas de um jovem inserir-se num clube de futebol, como: por escolinhas de futebol, por olheiros em campeonatos de várzea, por força política e familiar interna aos clubes, entre outras. A mais conhecida é a famosa e disputada “peneira”, existente em todos os clubes de futebol. Diz respeito a um teste onde vários garotos disputam a oportunidade de ser selecionado.

Para aqueles que foram selecionados, o sonho começa a se concretizar e a possibilidade de sair do anonimato também se inicia. Uma

mudança social pode estar prestes a ser concretizada, embora não garantida, havendo muitas etapas antes de profissionalização. Esta vocação natural descoberta, nada tem de científico, e de fórmulas mirabolantes, bem como de arrojo tecnológico. O futebol no Brasil obedece às suas funções naturais, e no Brasil se apresenta com mais facilidade porque existem inúmeros jogadores talentosos como valor de troca, conforme aponta Bernardes:

“O alto rendimento do jogador de futebol profissional tem agora de ser físico em suas possibilidades corpóreas, visível nos resultados por meio das vitórias e exemplificado em sua conta bancária ou em tudo aquilo que pode adquirir ou propagar em termos de consumo” (2008, p.61).

O significado que o futebol profissional oferece ao mercado de marcas esportivas, merece destaque pelas implicações sociais do faturamento que essas empresas de marketing esportivo têm obtido e a possibilidades reais de milhares de empregos gerados por esse esporte.

Bárbara Smit (2007) em sua pesquisa sobre a origem do marketing esportivo através da consolidação das empresas “Puma” e “Adidas”, coloca que estas duas marcas que surgiram na Alemanha, no período posterior à Segunda Guerra Mundial (1948), fruto do desmembramento da sociedade dos irmãos Dassler – que produziam calçados esportivos para o governo nazista alemão.

Segundo Smit, embora tenham existido outras empresas esportivas, a “Puma” e a “Adidas” são consideradas pioneiras no marketing esportivo em decorrência da rivalidade que se desenhou entre as duas fábricas. A empresa “Adidas” foi a percussora do logotipo esportivo, enquanto que a “Puma” apostou na ênfase na produção de contratos com jogadores de futebol e dirigentes, haja vista que os jogadores de futebol eram mais fáceis de serem cooptados do que os atletas olímpicos, devido ao impedimento destes últimos de não poderem

receber dinheiro para usar a marca em decorrência das restrições, por serem atletas amadores.

Esta situação veio a fazer com que, principalmente a partir da década de 70, empresas multinacionais passassem cada vez mais a atrelar a sua imagem aos “ídolos nacionais” e a se enraizar dentro da própria estrutura institucional do futebol, através da aproximação das relações com federações e políticos. Este processo marca a entrada do “capitalismo global” no futebol, o que nos dias atuais vem transformando o futebol em uma grande cultura do espetáculo e os jogadores têm se tornado ídolos nacionais, mas, são usados, às vezes sem seu consentimento, em instrumentos de uso político-ideológico. Em seus países de origem, muitas vezes servem de mercadorias por meio das quais as empresas multinacionais usam seu nome, seu reconhecimento internacional e seu apelo popular para divulgar suas marcas.

Portanto, será dentro desta complexa relação que envolve a ingerência de uma lógica de um capitalismo globalizado - produtor de uma cultura do espetáculo, somada à importância que os ídolos do futebol têm frente às suas nações (sejam elas países ou clubes), e ao papel que o futebol possui como um projeto de vida de ascensão social dos jovens de periferia no Brasil. Muitos desses ex-jogadores de futebol profissional, que não tiveram parte nos lucros das empresas de marcas esportivas, chegam ao ostracismo e abandono ao final de suas carreiras, com uma fixação de “ex”: ex-herói, ex-ídolo, ex-jogador do futebol profissional. Já não atraem mais as marcas esportivas ou o marketing esportivo, quando muito, atraem notícias em jornais sensacionalistas. Assim se encerra a lembrança dos profissionais do futebol, denunciando, que sua participação social, foi importante apenas enquanto atendeu a interesses maiores que sua individual carreira.

Embora a sociedade não descreva o ex-jogador de futebol profissional como um ex-herói, é importante salientar que a trajetória de

um homem comum alçado à condição de herói chega ao fim e sua representação é substituída por outra.

CAPÍTULO IV

FIM DA CARREIRA: UM CONTEXTO MARCADO PELA INCERTEZA DO FUTURO

Neste capítulo aborda-se o impacto do fim da carreira do jogador de futebol, suas frustrações diante de um sonho interrompido e o enfrentamento de uma nova realidade ou identidade, estranhas à sua formação.

O fim da carreira de um jogador de futebol profissional na maioria das vezes, não se dá de forma homogênea, avisada. Nem tão pouco se dá como na maioria das empresas, com aviso prévio, e com todas as garantias que no ato da demissão um trabalhador tem direito. Até porque ele quase sempre sai sem direito algum. Não se leva em conta as características esperadas na maioria das empresas do mundo, tais como: ter sido um bom funcionário, pontual, assíduo, inovador, criativo e experiente, aliás, o que parece é que o modelo capitalista é seguido pelo futebol profissional apenas na lucratividade. No futebol profissional encontram-se razões de sobra para não se manter um jogador com idade avançada. Entre as razões está a de não manter um jogador de idade avançada, ganhando um alto salário, se é possível contratar um jovem talentoso com menor salário.

Segundo Antunes:

“[...] o homem, como uma máquina, desgasta-se e tem de ser substituído por outro homem” (2004, p.88).

O que levou o ex-goleiro Félix ao fim da carreira foi a questão da idade avançada:

“Deixei o futebol em 1977 já com a idade bem avançada, quase 40 anos. Nessa posição (goleiro) que você vai um pouco mais. Mas, dentro do futebol,

quando você atinge um pouco de idade, dizem que você é veterano, que já é velho, e aí não dá mais. Parei em outubro e em dezembro eu faria aniversário. Já estava na hora de parar [...]

Por mais que ele tenha se devotado ao time, não é possível continuar “vitalício”. Este trabalho exige um término, além das cobranças sociais e capitalistas em relação a idade. Rincón também declarou esse motivo

“Parei porque, quando você tem uma idade, um currículo [...] era a hora certa de parar. No futebol, você acaba vendo umas coisas que acaba desgostando”.

O fim da carreira de um jogador de futebol pode ser anunciado pelo banco de reservas, ou na vontade do clube, onde atua, de lhe vender, de ser dispensado no final do contrato sem passar pelo processo de venda, ou, pode ser que o próprio jogador se antecipe em anunciar o fim da carreira, antes que alguém anuncie por ele, como está sendo, por hora o caso de Juninho Pernambucano ao anunciar o fim de sua carreira, através do Jornal – Le Progrès. Enfim são muitas as maneiras de se encerrar uma carreira de futebol profissional¹¹.

Diferentemente da maioria, o meia Juninho Pernambucano, capitão do Lyon, mencionou a proximidade do fim de sua carreira, dizendo:

“Sei que estou perto da saída. Sinto que é o momento de preparar o futuro com minha família. Os jogadores jovens poderão, talvez, se desenvolver melhor sem a minha presença. Tenho contrato até 2010 e não me atrevo a pedir uma renovação”, explicou Juninho em

¹¹ Extraído do site <http://diplo.uol.com.br/imprima337>, acessado em 13 de março de 2009.

entrevista ao jornal – Le Progrès, de Lyon. [...] Nesta temporada jogo menos, mas os resultados estão aí. Se isto durar, a fórmula me parece boa”.

Entre os objetivos do futuro, para Juninho, está o de fazer o gol de número 100 com a camisa do Olympique. Disse ainda que:

“Quando vejo a homenagem feita a Stevem Gerrard depois do seu gol número 100 pelo Liverpool, digo para mim mesmo que é um bom objetivo”.

O autor Damo, comenta sobre a imprevisibilidade da carreira de jogador de futebol profissional:

“o futebol é tido como menos previsível dos esportes e, por esta razão, permeado por noções como aleatoriedade, sorte, destino, e assim por diante” (2002, p.29).

Perder o emprego, no mundo atual, pode ser um dos piores momentos na vida de qualquer pessoa, assim como perder a carreira está fora de cogitação na cabeça da maioria dos jogadores de futebol profissional. As regras de trabalho absorvem novos rumos conforme a dinâmica de mercado, elas passam por redefinições profundas e o período de permanência nas empresas fica cada vez mais curto. De um lado, a empresa da atualidade não é mais “uma grande família” como antigamente, e sim o local onde os profissionais atuam como prestadores de serviços.

Os jogadores de futebol profissional sofrem a mesma dinâmica. Deles é exigido competitividade, perfis técnicos, aliados às habilidades comportamentais e vigor físico para superar dores, cansaço, horas de trabalho, conflitos e adversidades, muito comum no futebol. Enquanto ele perde um emprego (Clube), é possível trabalhar em outro se ele mantém todas as exigências citadas acima.

Atualmente, a questão idade tem sido um pouco mais tolerada, pois já se vê jogadores, como Romário, atuando com mais de quarenta anos, tal como é o caso de Marcelinho Carioca no Santo André, de Luizão, recém contratado do Guaratinguetá, do volante Túlio que pretende encerrar sua carreira no Corinthians, ao lado de Ronaldo, “o fenômeno”.

O grande problema acontece quando o jogador de futebol profissional passa a não ser mais de interesse de clubes, confirmando o fim de sua carreira. Trata-se de uma corrida na qual o progresso é medido de maneira ambígua e imprevisível. Geralmente o fim da carreira de um jogador de futebol profissional é algo não levado em conta no momento de sua ascensão em um clube de futebol.

Freitas assinala que:

“os mecanismos criados em torno do demitido devem possibilitar que se continue a assegurar os que permanecem na empresa e a continuidade do desenvolvimento da iniciativa, da capacidade do raciocínio lógico e do potencial de criação [...] então, atender à lógica do capital, conservando a contradição: a impotência da “força do trabalho” é a potência do capital. A empresa, portanto, procura reelaborar a demissão como uma fatalidade ou como um sistema de perda de eficiência do indivíduo, para preservar a “legitimidade” da relação com os que permanecem na empresa” (1997, p.21).

A lógica do mercado nos parece caminhar de mãos dadas com a lógica dos clubes de futebol. No entanto, para quem perdeu o emprego em qualquer empresa, poderá haver a possibilidade de reinserção no mercado de trabalho. Para quem perdeu o emprego no mercado do futebol, por causa da idade, o drama nos parece um pouco mais acentuado.

Freitas observa que essa interrupção na carreira, repercute muito nas relações sociais do demitido:

“[...] o profissional demitido involuntariamente vê colocado em cheque o seu reconhecimento pelos outros, ou seja, pelos que permanecem na empresa, pelos familiares e pela sociedade em geral, o que, paralelamente, integrado à sua atual impossibilidade de manutenção e atualização dos projetos criados no “mundo do trabalho”, pode fazer surgir sentimentos de impotência frente à realidade” (1997, p.22).

Muitos são os fracassos no cotidiano dos vários processos de trabalho, mas, empresários, publicitários, professores, advogados e outros, no entanto, têm a possibilidade de reinserção, de correção de rumos em sua área de atuação. No entanto, o jogador de futebol facilmente tem sua carreira interrompida, seja por sucessivos erros, por acidentes ou pelo avançar da idade. Conforme Pahl,

“nesse mundo fluido e flutuante de estruturas flexíveis de emprego, o sucesso evidentemente ainda existe, mas seus contornos tornaram-se imprecisos” (1997, p.18).

Mengálvio relata que interrompeu a carreira por questão de lesão no joelho inviabilizando a continuidade:

“Comecei a ter problemas de contusão no joelho e, infelizmente, entre 30 e 31 anos já estava tendo dificuldade de jogar”.

Vários outros fatos são conhecidos e amplamente divulgados na mídia, embora essa questão de interrupção da carreira por acidentes decorridos seja pouco abordada na literatura especializada. Apontam-se alguns outros exemplos dessa realidade: o caso de Hernandé¹² que

¹² Extraído do site www.netvasco.com.br/forum em 03/03/09.

surgiu como uma grande promessa das divisões de base do Vasco da Gama – RJ no início da década de 90. Contudo, a ascensão de sua carreira foi interrompida por um trágico acidente em 1994, resultando na prisão do jogador por três anos; Hiran, dono da camisa nº 1 do Internacional – PA, nos anos 2000 e 2001, decidiu investir na carreira de treinador de goleiros após um acidente de carro tendo que encerrar a carreira aos 32 anos; Fabrício Carvalho teve a carreira interrompida devido a uma arritmia cardíaca, quando atuava pelo São Caetano; o atacante Eduardo da Silva, do Arsenal, teve a perna esquerda quebrada na altura da canela após a dura entrada de Birmingham Martin Taylor durante jogo contra o Birmingham City, pelo futebol inglês.

Esses exemplos evidenciam o quanto a carreira do jogador é imprecisa, e somada a tantas outras questões, aponta sua vulnerabilidade.

A expectativa de vida do ser humano também tem aumentado, influenciado por uma flexibilização nas opções de carreira. Por exemplo: um vendedor pode tornar-se um professor na meia idade, basta para isso que o mesmo se capacite numa área específica na academia. Sendo assim, ele estará apto para uma nova carreira. Da mesma forma, um advogado pode tornar-se um médico. Ainda segundo Pahl, temos:

“Como o conceito de “emprego vitalício” está desaparecendo, não é de esperar que as pessoas se devam inteiramente a um empregador, afinal de contas, está proporcionando apenas uma etapa passageira em sua vida profissional” (1997, p.19).

Em contraponto, dificilmente qualquer profissional pode tornar-se um jogador de futebol profissional como segunda opção, se considerarmos as exigências da carreira como força física, juventude, e outros. De outra forma, um ex-jogador de futebol profissional tem limitadas chances de retorno nessas citadas áreas de atuação. O retorno possível, na área esportiva, ocorre em outras funções, como técnico,

preparador físico, conselheiro, diretor de clube e outros, exceto como jogador. Mas, a reinserção noutra função não lhe dará a opção de sucesso que é conferida ao jogador de futebol.

Pimenta, em sua tese de doutoramento, argumenta:

“A possibilidade do ex-atleta enfrentar a realidade, em novas frentes de trabalho totalmente estranhas à sua formação, reduz a auto-estima do ex-“herói”. Tendo mostrar que a maioria dos iniciantes-iniciados não consegue, sequer, passar pelo primeiro degrau do profissionalismo e os que conseguem, uma minoria significativa, alcançam bom nível econômico[...] os que não alcançam esse nível arriscam-se a decair muito após o fim de sua vida ativa como jogador, com menor chance de transferirem-se para outro domínio lucrativo ainda ligado ao futebol” (2001, p.76).

No entanto, como bem salienta Pimenta, as frustrações trazidas pelo insucesso de um sonho interrompido não elimina a possibilidade do “sentir” ou de “ser” sujeito do processo no restabelecimento de outros projetos de vida, dentro ou fora da instituição.

“Entretanto, é inegável que o jovem inscrito neste processo sofre violências e violações na sua formação, não só por passar boa parte de sua juventude e início de vida adulta numa situação, muitas vezes, improdutiva, mas por alimentar sua projeção imaginária na carreira e ver seus espaços sociais de trabalho, cultura, auto-estima, etc. reduzidos aos limites de sua experiência com o futebol” (2001, p.278).

Convém salientar que a ruptura com o sucesso alcançado ou “sonhado” tem sido alvo de análise de profissionais de várias áreas de

conhecimento. Especificamente nas abordagens sociológicas, a tarefa não está reduzida à questão geral do motivo que leva as pessoas a sentirem-se ansiosas ou frustradas, mas em explorar as condições contemporâneas específicas que provocam ansiedade em categorias específicas da população (Pahl, 1997).

Lidar com o fim da carreira dos jogadores profissionais tem sido requerido nas instituições sociais, com destaque para os valores e normas culturais que eles próprios ajudaram a criar. Neste caso, conforme observa Shibata, o drama pela ruptura de uma expressiva carreira é elevado:

“a questão de transição considerando a perspectiva de se afastar do lugar que tanto significado dera à sua vida, sem carregar sentimentos de desvalorização e exclusão” (2006, p.23).

Pahl (1997) descreve cinco áreas principais em que os indivíduos buscam alívio ou algum tipo de solução para a retomada dessa instabilidade emocional: a esfera de apoio em família, amigos e amantes; a segurança religiosa; a busca no significado do trabalho; a dos estimulantes e depressivos e, a mais difícil de precisar, a do lar, localização, espaço geográfico e comunidade.

Mengálvio, referindo-se a esta questão, comenta:

“Tem jogador que tem dificuldade de lidar com o fim da carreira como em todas as outras carreiras. Isso aí é geral, não é só no futebol. Hoje em dia em todas as profissões existe isso aí. No meio artístico também, existe. No futebol isso é mais comentado porque o jogador é famoso, o artista também, então, em toda profissão tem. Tem aqueles que usam droga, bebida[...].”

A idéia do sucesso tende a permanecer após o término da carreira, quando o jogador se inseriu noutro segmento profissional. Esta questão é sempre abordada pelos amigos, familiares e outros, por mais que o ele próprio fuja do assunto.

Muitos dos ex-jogadores têm dificuldade na aceitação desse novo “eu” – pois este não mais provoca emoções, não mais é aplaudido, levando muitos a criarem para si um “falso eu”, afastando-se de seu “eu” atual. Na tese de Pimenta isso foi verificado em entrevista com ex-jogadores, relatando que:

“Cabe apontar que o futebol leva o iniciante-iniciado para um mundo totalmente estranho à realidade social, apartado das dimensões políticas, econômicas (no sentido das diretrizes econômicas do país), educacionais, culturais. Ao ídolo ou ao postulante é permitido o uso do corpo, mas sua capacidade intelectual restringe-se ao espaço do “jogo” [...] quando há o rompimento com a vida futebolística, mesmo jogando em equipe de pouca expressão, o candidato-jogador se vê obrigado a voltar à vida real e “não está” capacitado para começar uma trajetória profissional fora do mundo do futebol, tendo que capacitar-se para retornar à vida econômica” (2001, p.78).

O impacto do fim da carreira e a questão do insucesso são atenuados quando existe uma esfera de equilíbrio familiar e profissional ligado a um novo emprego.

Segundo Pahl (1997), indivíduo e sociedade se relacionavam por determinantes exigentes da esfera de produção, mas essas exigências, no capitalismo recente, estruturam-se antes com base nas escolhas e coações do consumo. E, à medida que a linguagem de classe cede lugar ao discurso do estilo de vida, a solidariedade, o conflito e a ação são

substituídos pela auto-identidade, ansiedade e equilíbrio para muitos membros da sociedade – mas não para todos eles.

O impacto do fim da carreira também é atenuado quando, durante a carreira, por circunstâncias familiares e convicções próprias, o jogador se atém paralelamente noutro investimento profissional, precavendo-se para o caso de a primeira ser interrompida.

O preparo para o futuro pós-carreira do jogador de futebol, passa pela formação acadêmica, segundo todos os entrevistados. No entendimento de Coutinho, verifica-se:

“[...] Aí vai muito da pessoa, se estudar. Eu, por exemplo, trabalho com a molecada hoje e a primeira coisa que eu confiro são as notas do colégio. A primeira coisa não é saber se ele sabe jogar, eu quero saber como ele está no colégio. Então, eu não tive problema nenhum até hoje, todos que estiveram comigo e não viraram jogadores de futebol, hoje são: Advogado, Vereador, e uma séria de pessoas que passaram em minhas mãos, muitos são jogadores de futebol. Então eu acho que não é ilusório. As pessoas têm que estudar, independente de estar dentro de um campo de futebol, têm que estudar, porque tempo não falta. Se não dá pra estudar de manhã, estuda à tarde, se não dá pra estudar à tarde, estuda à noite, mas que tem que estudar, tem. E se viajar, estuda na volta. E quando terminar a carreira, dá pra retomar outra coisa”.

Félix, formado em contabilidade, também se preocupa com a formação escolar do jogador:

“Mas, mesmo assim eu me formei. Sou contador formado. Fiz técnico em contabilidade [...] Se o garoto vem e disser que não estuda não treina, não joga, não vai para lugar nenhum. Então a gente diz: estude primeiro, frequente a escola para depois você poder trilhar um outro caminho”.

O impacto do fim da carreira também é atenuado por eficiência administrativa dos recursos financeiros adquiridos durante sua carreira profissional. Diante da necessidade de preparo para o futuro, alguns jogadores investem numa estrutura administrativa que lhe assegure. Essa questão foi apontada por Félix:

“[...] eu não soube me dar valor e até hoje eu escuto: você não sabe usar o seu nome. Gostaria de saber usar, gostaria de aproveitar e faturar um pouquinho mais. Hoje você vê o atleta com assessor de imprensa, com supervisor, com procurador, tem uma estrutura por trás. E nós não tínhamos nada disso. Tanto não tinha que o maior nome do futebol do mundo, o Pelé, foi roubado duas ou três vezes. Foi o caso por não ter alguém que tomasse conta para ele”.

Mengálvio também ressalta a necessidade de estruturação administrativa pessoal do jogador visando o fim da carreira:

“É uma parte muito importante que o jogador tem que ter muito cuidado. Porque a pessoa às vezes não está preparada e você fica fazendo um monte de coisas erradas e depois já viu, né [...] E a pessoa é muito visada, não é fácil. Se o cara não tiver uma boa estrutura administrativa, não é fácil não. Tem que ter cabeça no lugar”.

Recentemente, em debate na PUCSP, o então dirigente de futebol Frizo, do Esporte Clube Palmeiras, afirmou que a maioria dos ex-jogadores de futebol profissional encontra-se emocionalmente, financeiramente e socialmente abalados em virtude da má administração de suas vidas quando inseridos no futebol profissional. Diz que até discursam sobre o abandono, mas que esquecem que tiveram a oportunidade de poupar ao invés de esbanjar recursos, prática adotada por muitos deles. Ressaltou que o agravante dos problemas de estabilidade atual de ex-jogadores mais antigos se deu pelos salários mais baixos em sua época.

O fim da carreira de um jogador de futebol, principalmente para aquele que não tem outra profissão, traz uma série de adversidades. Porém, a pior delas é a privação social ocorrida pela ausência de definição sociocultural. Estabelecer um novo projeto de vida é essencial para que essa ruptura se atenuem.

Quando existe uma esfera de equilíbrio familiar e profissional ligado a um novo emprego, a retomada da estabilidade pode ser possível, conforme veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO V

A POSSÍVEL OU IMPOSSÍVEL RETOMADA DA ESTABILIDADE SOCIAL

Neste capítulo se apresenta a complicada retomada da estabilidade social após o fim da carreira do jogador de futebol e o que permeia a aceitação de uma nova identidade dentro ou fora desse esporte.

Os homens necessitam experimentar um sentimento de pertencimento a um grupo social específico. Todos os seus relacionamentos são envolvidos nesta construção social. Nessas relações são projetadas concepções do homem enquanto pessoa humana sujeita as mais variadas formas de pensamento. Suas escolhas e comportamentos irão lhe identificando cada vez mais com seu contexto e projetando seu destino. Na medida em que estes traços de pertencimento são consolidados, esse sujeito social, ainda assim tem a liberdade de alterar seu curso na história “até certo ponto”, pois, o resultado é imprevisivo na medida em que dependemos dos outros para seguir adiante. Se, sou um vendedor de qualquer produto que seja, preciso de compradores, se eu sou médico, preciso de pacientes para desenvolver minha profissão, se, sou ator de teatro, preciso do público (Pahl, 1997).

Essa relação de interdependência se aplica no mundo do futebol profissional, e se processa de uma forma diferente, tendo em vista que o jogador de futebol profissional, por conta das exigências ocorridas, se ausenta dessa socialização primária e se vincula em um novo processo de afinidades e rejeições que de certa forma orientam os novos rumos de socialização. É bem verdade que não é somente este segmento social que proporciona tal feito, entretanto no futebol profissional, fama e estabilidade e segurança se apresentam de maneira provisória. Por isso a retomada da estabilidade de muitos ex-jogadores de futebol profissional é muitas vezes

incerta e complicada. A nova identidade para muitos que fracassaram, carrega vergonha e culpa. O autor Pahl, observa:

“Tanto a culpa quanto a vergonha são fontes de ansiedade. A pessoa sentirá culpa quando reconhecer e aceitar o fato de que o lócus da responsabilidade está dentro dela e de que a conforma a um quadro de padrões absolutos ou é interior. [...] Assim, a culpa é uma forma de ansiedade que surge quando a pessoa reconhece que um pensamento ou ação se desvia de uma norma grupal percebida como intrinsecamente desejável. O tipo de ansiedade gerado pela vergonha ocorre quando o indivíduo fracassou visivelmente aos olhos de outrem, cuja aprovação considera importante” (1997, p.44).

Amaral e colaboradores¹³, em pesquisa sobre os motivos que levaram jogadores de futebol a abandonar a carreira, revelam que:

Nenhuma outra profissão no Brasil apresenta tantas credenciais para se imortalizar como a profissão mais cobiçada do mundo, principalmente, é claro, pelos jovens, que além dos aspectos físicos conquistados (o corpo perfeito), devemos considerar outros aspectos importantes, entre eles: ter sucesso com o público, ser aplaudido, ser matéria de jornais e revistas especializadas, ter carrões e cartões de crédito para gastar, casas novas, viajar o mundo e ainda ter sucesso arrancando suspiros de belas mulheres. Tudo isto faz parte dos “elementos de sedução”, apontados também por Pimenta, através de uma entrevista com um desses jogadores:

“[...] Essa é a vida que eu quero ter (pelo menos, segundo ele, passou por sua cabeça), ser jogador bem remunerado, ter vida boa, conhecer

¹³ Extraído do site www.efdeportes.com em 15/02/2009, por Amaral e colaboradores. Revista Digital – Buenos Aires – Ano 12 N. 115 – Diciembre de 2007.

praticamente o mundo inteiro em função do futebol, estar sempre na mídia, todo mundo falando. Acho que todo mundo quer uma vida assim e procura ter uma vida desse jeito. [...] eu acho que eu ia gostar dessa vida, mulheres, dinheiro. Também, nossa! Mulheres, dinheiro, carro, viagens, tudo” (2006, p.141).

Este mesmo autor (2006), ao avaliar 52 ex-jogadores que atuaram em equipes de "ponta" no futebol brasileiro, relacionou as formas mais freqüentes de motivos de encerramento da carreira, tendo sido: idade, mudança no estilo de vida, decréscimo de performance, ausência de perspectiva, lesões, condições de saúde, fadiga psicológica, de relacionamento familiar e exaustão física. Existem muitos outros motivos, porém o que está em jogo é a retomada do rumo, ou, recondução de seu caminho.

Pimenta (2006) comenta que os jogadores que concluem a carreira com idade aproximada de 35 anos são excluídos numa fase ainda produtiva de suas vidas e estão sujeitos, ao entrarem no mercado de trabalho, a salários bem reduzidos em relação aos que recebiam, alterando precariamente o padrão de vida, com sérias repercussões familiares.

O trabalho de Amaral (2007), atenta para o fato que, os atletas assimilam melhor o fim da carreira quando esta se dá por vontade própria, sendo capazes de concluí-la após terem alcançado os seus principais objetivos, continuando de alguma forma, envolvidos com o meio esportivo. Sugere que o sucesso, neste período de mudança, exige uma busca por uma autonomia pessoal durante a carreira, além da necessidade de se ter um conhecimento sobre as mais diversas formas de investimentos dentro e/ou fora da área esportiva.

Essa realidade já começa a ser alterada na medida em que alguns jogadores já percebem a necessidade de ter uma formação diferenciada,

discutindo contratos, solidificando a carreira e estruturando a vida após o fim da rotina dos gramados. Como exemplo desta crescente realidade, vê-se o caso do jogador Kaká, atualmente no Milan e de Leonardo, ex-jogador do São Paulo e da seleção brasileira, empreendedores em negócios e na área social, tidos como construtores de uma vida estabilizada, tanto no lado profissional como no particular, e sendo bem vistos nos clubes por onde passaram.

Um caso de persistência nos estudos pode ser o de César Sampaio que, quando atuava no Japão, defendendo o Sanfrecce Hiroshima, decidiu que era hora de concluir o Ensino Médio, já como um craque renomado - com passagens por Corinthians, Palmeiras, Santos, La Coruña da Espanha e Seleção brasileira na Copa de 98. Este comprou as fitas de vídeo do Telecurso 2º Grau e estudou sozinho para completar sua formação. Quando voltou ao Brasil, para jogar no São Paulo, recebeu um convite de alguns dirigentes do tricolor paulista para ingressar no Curso Superior de Gestão do Esporte. Sampaio apostou na novidade, ingressou no Ensino Superior, já se formou como tecnólogo em Gestão do Esporte. Atualmente se prepara para iniciar a especialização em gestão do futebol¹⁴.

Gustavo Gumiero, recém-saído da adolescência, teve, ao mesmo tempo, duas oportunidades: foi convidado para jogar futebol profissionalmente e passou no vestibular da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). O goleiro Gustavo decidiu "agarrar" as duas chances: entrou para o curso de Educação Física o conciliou com a carreira de jogador, conforme conta¹⁵:

¹⁴ Extraído do site www.universia.com.br/materia/materia.jsp em 01/03/2009, por Renato Marques.

¹⁵ Extraído do site www.universia.com.br/materia em 06/03/2009.

“Entrei na UNICAMP em 2000 e era dos juniores ainda. Sempre procurei, nesses 5 anos do curso, jogar em times da região para não perder a vaga. Quando joguei em Rio Claro, chegava a percorrer 200km por dia. Foi difícil, paguei um preço muito alto - tomar banho correndo, não jantar, dormir tarde e acordar cedo -, mas dou valor a isso pelo curso que eu fiz, por ser na UNICAMP [...] Já estou pensando no meu futuro”.

Não é tarefa muito fácil encontrar jogadores que, deixem a carreira num momento planejado desde o início, com outros projetos em andamento. Embora a mídia tenha apontado alguns, a mesma também aponta com mais frequência, ex-jogadores abandonados e desprovidos de um projeto mais ousado, cuja retomada tem sido incerta.

No futebol, não se encontra falta de motivos para se abandonar a carreira, até mesmo por falta de pagamento de “bicho”, se larga esse esporte¹⁶.

O depoimento do ex-jogador Vicente Madella, de 24 anos, que hoje cursa faculdade de administração de empresas e faz estágio no setor de contabilidade de uma distribuidora de material de construção em Sorocaba, fala de injustiças do mundo do futebol. Ele abandonou a carreira de jogador profissional por causa de uma dívida de mil e duzentos reais, que era o que ele tinha a receber do Sumaré, clube que defendeu

¹⁶ “Bicho é como chamam o prêmio que os jogadores recebem por vitórias e até por empates. Em 1923, quando o Vasco subiu à primeira divisão carioca, um rico cerealista da Rua do Acre, vascaíno apaixonado, resolveu premiar com dinheiro os jogadores do seu clube. Mas isso era proibido, em plena vigência do amadorismo. Então, antes dos jogos, o cerealista ia ao vestiário para dizer aos jogadores o que ganhariam se vencessem o jogo. Nesse tempo, as notas de dinheiro tinham uma espécie de determinação zoológica: 5 mil-réis representavam um cachorro; 10 um coelho; 20 um peru; 50 um galo; 100 uma vaca e 400 uma vaca de quatro pernas”. Extraído do blog - <http://blog.soccerlogos.com.br/2008/03/06/a-razao-do-bicho-no-futebol/>, por Gilberto Maluf em 25/03/2009

na Série B do Paulista em 2006. Formado no São Bento de Sorocaba, Vicente alcançou, mesmo que discretamente, associações mais tradicionais pelo país. Jogou no Curitiba e no time B do Palmeiras¹⁷:

"Fora o bicho, que nunca vi, o salário registrado era R\$ 350,00. Mas o combinado era pagarem R\$ 400,00. Sinceramente, acabei perdendo a vontade depois de tantos contratemplos. Começou a faltar tudo. Houve dias em que até o treino era cancelado, porque não tínhamos uniformes para usar. (Vivente acredita que o problema foi um grupo de empresários, que apoiava o clube, ter abandonado o projeto de investimento na véspera do início da competição). Foi uma insegurança muito grande, tanto que nós, jogadores, nem sabíamos se iríamos ou não entrar nas partidas. Até comida, que eles prometeram para todos os jogadores que não eram da cidade, faltava. Era literalmente vender o almoço para comprar o jantar. No fim das contas, eu até pagava para ficar lá, porque nem mesmo os reembolsos das passagens que eu comprava para ir até a cidade eu recebia. Passava toda semana na sala do presidente, mas ele era quem menos sabia das coisas e só enrolava, e o empresário não aparecia nunca para pagar. Sei das dificuldades do mundo da bola. Mas tenho uma vontade enorme de voltar".

Vicente recorreu ao sindicato dos jogadores, que ofereceu auxílio jurídico. Após falar com os pais, desistiu da carreira e retomou os estudos,

¹⁷ Extraído do site www1.folha.uolhttp.com.br/fsp/esporte em 19/02/09.

sem esconder as mágoas pelo prematuro fim que teve sua carreira de jogador profissional.

O conceito de sucesso não deve ser confundido com o de fama, inevitavelmente restrita a uma minoria, conforme Pahl:

“A fama propicia gratificação, e precisamos ir além dela para lograr a satisfação do sucesso [...] Umhas poucas pessoas podem ser ao mesmo tempo famosas e bem-sucedidas, conseguindo harmonizar os prazeres efêmeros da gratificação com a satisfação mais duradoura” (1997, p.20-21).

A incômoda constatação de que muitos ex-jogadores de futebol profissional não sabem ao certo o que vem a ser sucesso pessoal, e que relutam em aceitar as novas identidades que lhe são impostas, ou o esforço envolvido no ato de descobri-las ou criá-las, é que talvez, sejam as causas principais da permanência de uma ilusão de perspectiva de continuidade no mundo do futebol. Quando não se espera mudança, não se tem disponibilidade para aceitá-la quando ela se apresenta. Pelo contrário, tende-se a desvalorizar o alcance das transformações ocorridas e ainda a rejeitar a novidade, quando ocorre. Não é uma tarefa nada fácil aceitar uma mudança, alguns às vezes usam suas próprias influências para uma colocação em outro segmento de mercado. Pimenta comenta:

“Alguns ex-atletas reorientam suas práticas para ocupar as novas frentes de trabalho originadas das tendências profissionalizantes e empresariais em torno do próprio sucesso de formação de atletas. Outros, em virtude das amizades e conhecimentos que fazem extrafutebol, mas relacionados ele, usufruem dessa condição para atingir colocação em fábricas, estabelecimentos comerciais, serviços públicos, bancos, etc., e mostram suas habilidades

em campeonatos amadores ou de Classe. Porém, nem todos têm essa “sorte” (2006, p.249).

Um caso pontual para ilustrar as situações que estamos analisando é o de Sidney José Tobias¹⁸, ex-ponta esquerda do São Paulo Futebol Clube. Sob o comando do técnico Cilinho, e tendo companheiros como Careca, Müller e Silas, o ponta-esquerda brilhou ajudando o Tricolor a ser campeão paulista de 1985. No ano seguinte, continuou se destacando e foi um dos principais jogadores do São Paulo na conquista do título de campeão brasileiro. Após perder posição de titular para outro jogador, tentou a sorte no exterior, jogou emprestado pelo Flamengo e parou no Santos. Não conseguiu brilhar em outras equipes e retornou ao São Paulo onde encerrou a carreira.

Sidney viveu um drama depois de ter deixado o futebol profissional: quase perdeu a vida quando tomou um tiro em um campo de várzea na zona norte de São Paulo. Sidney hoje não tem mais as famosas trancinhas. Está careca, diz que fez cursos e que quer ter a chance de um dia chegar a um grande time como técnico.

Outro caso ilustrativo é o de Casagrande¹⁹, ex-jogador de Clubes com Corinthians, São Paulo e Flamengo, e posteriormente comentarista de futebol da Rede Globo de Televisão. Recentemente foi internado em uma clínica para dependentes de droga, após acidente de carro noticiado pela grande imprensa. Foi depois informado que o jogador consumia drogas e que sua dependência química havia piorado nos últimos tempos.

Pahl apresenta algumas considerações aplicáveis ao momento de retomada da estabilidade, no que concerne a esse estudo, após o fim da carreira do jogador profissional:

¹⁸ Extraído do site desenvolvimento.miltonneves.com.br/QFL em 17/02/2009, por Rogério Micheletti.

¹⁹ Extraído do site www.ultimosegundo.ig.com.br/esportes em 01/02/09.

“As principais áreas nas quais as pessoas encontram alívio para a ansiedade existencial são o amor, o trabalho, a religião, as drogas e o meio. Elas podem ter êxito na vida se mergulharem em quatro delas: as drogas, talvez, sejam a solução para quem não se encaixou nas outras” (1997, p.32).

A estrutura do futebol brasileiro aparenta ser deficiente nas questões sociais e muito mal organizada. Os recursos oriundos desse esporte, pelo menos na visão de muitos jornalistas, experientes nesse segmento, são mal destinados, quando não, desviados.

Rincón observa essa falta de organização, e diz:

“[...] na Europa é muito mais organizado, mas aqui na América o futebol não é visto profissionalmente. É visto mais para você usar o jogador, mais quando o jogador ainda pode servir, aí ele é importante. Quando não serve ele sai pela porta de trás, e ainda dizem coisas, o clube não paga o jogador, entra na justiça para receber o dinheiro. É difícil o jogador não ter uma reclamação do time. Na Europa tem uma organização muito maior porque a FIFA, dependendo do time da Europa, se o time não paga o jogador, a FIFA dá uma data para pagar, se o time não paga ele é rebaixado. O futebol é muito diferente daqui. As leis do Brasil são coniventes com a pessoa errada. O clube vai buscar seus direitos e você que é o lesado tem que entrar na justiça e esperar 5 ou 10 anos. O clube se beneficia mais disso que a própria pessoa prejudicada”.

No jornal A Nova Democracia²⁰ o jornalista Wilson de Carvalho aponta problemas com o futebol brasileiro que dificultam sua própria credibilidade:

“[...] Evasão fiscal, fraude cambial, evasão de divisas, sonegação de impostos, apropriação indébita e falso testemunho são algumas das denúncias das CPIs contra os maus dirigentes [...] a corrupção e o roubo não afetam apenas o futebol brasileiro. Só que na Europa, pelo menos por enquanto, ainda se pune [...]”

Em um artigo²¹ sobre futebol intitulado, o comércio é o maior inimigo do futebol brasileiro, o mesmo jornalista Wilson de Carvalho comenta:

“Há que se tomar uma providência para salvar o futebol brasileiro, pois o que mais importa é faturar, lavar dinheiro, levar comissão em tudo[...]”

Na busca de um amadurecimento dessa organização esportiva, espera-se que o Clube dos Treze, união dos maiores clubes do futebol brasileiro, que tem sido parceiro constante do Ministério do Esporte e até mesmo dos congressistas brasileiros, encontrem de fato caminhos que ajustem mais a estrutura do futebol brasileiro e dê à ele a posição social que merece. Tudo isso visando um crescimento e afirmação desse esporte no cenário internacional. Entretanto, ainda não conta nessas iniciativas, políticas que estruturam a pós-carreira de um

²⁰ Extraído do site www.anovademocracia.com.br em 29/03/2009. Ano 1 nº 1, julho/agosto de 2002, páginas 1 e 2.

²¹ Extraído do site www.joadorio.com/archive/index em 29/03/2009. Ano 6, Número 32, Ago/Set de 2008.

jogador de futebol com legislação específica que consiga sanear este problema social.

Recentemente, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, movido por emoção, prometeu enviar ao Congresso Nacional, projeto de lei que cria aposentadoria para ex-campeões de Copas do Mundo de Futebol que vivem atualmente em más condições financeiras. Ao discursar durante cerimônia em homenagem aos jogadores da seleção brasileira de 1958, que conquistaram a primeira Copa do Mundo para o país, Lula disse ser "injusto" que grandes campeões vivam hoje na miséria. O ministro do Esporte, Orlando Silva, explicou que o projeto vai selecionar ex-jogadores para receberem aposentadorias de acordo com a faixa salarial de cada um, privilegiando apenas os de baixa renda. O presidente disse que assistiu a um documentário sobre a história do jogador, quando refletiu sobre a proposta da aposentadoria. Lula agradeceu à seleção de 1958 por "ter existido" na sua geração e no país. O presidente disse que, se morresse amanhã, "morreria mais feliz" após a homenagem aos jogadores²².

Essa iniciativa tem gerado insatisfação por parte de outros ex-jogadores de futebol, constatado nas falas de Félix:

“O governo agora prometeu que ia criar um plano de aposentadoria para os campeões de 1958. Nós estamos com uma Associação de Campeões Mundiais e essa Associação quem está dirigindo é o filho do Gilmar dos Santos Neves que é um bicampeão mundial. Estamos aguardando a assinatura dessa aposentadoria que foi prometida, apesar que a maioria é bi, 1958 e 1962 e a Associação está tentando colocar os de 1970. Que até 70 não se ganhava nada [...] Mas só que para a aposentadoria você tem que fazer 35 anos. Tem que completar pagando para poder ter a aposentadoria”.

²² Extraído do site www1.folha.uol.com.br/folha/esporte em 3/03/2009, por Gabriela Guerreiro

Coutinho disse que ainda não recebeu nada:

“[...] agora que estão tendo vantagens alguns jogadores que foram campeões mundiais. Não tenho uma maior regalia, até agora não vi a cor do dinheiro, mas vai sair uma aposentadoria para os campeões mundiais, no valor de R\$4.000,00 (quatro mil reais). Eu já sou aposentado, foi feito como autônomo. Os jogadores que se sentem abandonados, aí é porque ele não pagou INPS, aí é a parte dele. Eu tinha meu tempo de Santos, tive meu tempo de firma, que eu montei. Eu, já podia ter aposentado há mais de vinte e cinco anos, mas eu não quis, porque não me interessava aquele dinheiro. Hoje, não. Eu hoje estou aposentado, acertei tudo, acertei direitinho no tempo e ok”.

Interessante verificar que até mesmo os dirigentes do futebol profissional do Brasil, têm verbalizado a importância de mudanças profundas neste esporte e de uma legislação moderna, conforme apontou Koff²³:

“Estamos iniciando uma nova temporada e no topo da puta impõe-se um assunto que se tornou recorrente nos últimos anos: uma legislação esportiva completa, exequível, moderna e duradoura. Já percorremos mais de uma década de avanços, recursos e múltiplas discussões sem conseguirmos apontar um destino definitivo [...] Apoiado na centenária experiência dos clubes, o Clube dos Treze está convencido que a legislação não pode ser única para todas as modalidades esportivas. A singularidade do futebol

²³ Extraído do Anuário do Futebol Brasileiro. Brasil: o país do futebol. Ano 3, Nº 3, Set/2007, página 16.

justifica que este esporte seja regido por legislação específica ou, no mínimo, por um capítulo próprio que contemple as suas necessidades. É impróprio apenas, para exemplificar, misturar normas para as relações trabalhistas entre profissionais e clubes de futebol com entidades que pratiquem vôlei, basquete, esportes olímpicos etc. Uma legislação apenas para o futebol, simplificando, é do que precisamos” (2007, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, como dizem Elias e John (1992) o esporte se apresenta como um elemento estratégico para se conhecer a sociedade. Ao se debruçar sobre o processo de constituição do futebol no Brasil, pode-se atingir um entendimento que vai além das próprias fronteiras do futebol, de modo a compreender elementos materiais e culturais, além da constituição dos diferentes papéis sociais, hierarquias, comportamento e as formas de representações da sociedade brasileira.

A partir do exposto neste trabalho, pode-se observar que o futebol tem um papel relevante para a sociedade. O importante é que este olhar seja com outro foco, com olhar voltado para as histórias de vida de jogadores e ex-jogadores profissionais, que, pela natureza de seu trabalho, absorveram a imprecisão da vida capitalista.

Muitos intelectuais ganharam a reputação de serem ineficazes e incapazes. Não são poucos os jogadores do futebol brasileiro que corroboram com a máxima de que portam, por certo, a culpa de uma má gestão de sua vida financeira e não tiveram sabedoria para lidar com ela. Não devemos nos esquecer que a maioria dos ex-jogadores de futebol profissional jamais fez cursos de gestão financeira ou tiveram chance ou investimento do clube para isso (até mesmo para os gestores financeiros do mundo todo, esse mundo se tornou algo fora da previsibilidade em questões financeiras).

A maioria dos ex-jogadores de futebol no Brasil vem de uma classe social menos favorecida, por isto são submetidos a condições difíceis em sua trajetória, principalmente aqueles que não optaram por privilegiarem e pautarem suas vidas nos estudos. A educação tem sido ao longo dos anos, uma necessidade e uma luta, não só dos movimentos minoritários, mas o apelo de outras categorias da sociedade, para que haja uma

promoção justa em direção a outros grupos sociais, com uma prática pedagógica oposta à desigualdade e à discriminação.

Além da discussão sobre “a culpa” que traz um ex-jogador de futebol profissional que passa necessidades, se por falta de gestão pessoal ou por falta de apoio do clube onde atuou, o que está em “jogo” é que, enquanto o futebol “profissional” não virar de fato “profissional”, em toda a amplitude social da palavra, o problema não será solucionado.

A administração do esporte no Brasil é conduzida, com raras exceções, de forma amadora. Essa situação interessa apenas aos poucos administradores de clubes, federações e confederações que, amparados por estatutos indutores de condutas absolutistas, aproveitam-se de regras formais e informais para perpetuarem-se no poder e, segundo a avaliação de alguns, até para combater a profissionalização da administração do esporte brasileiro.

Uma análise sociológica pode contribuir e muito para que questões como essas mereçam maior atenção, considerando que o número de ex-jogadores de futebol profissional que finalizam a carreira de forma desestruturada, é expressivo.

O momento do fim da carreira gera ansiedade que pode ser amenizada, quando existe uma esfera de equilíbrio familiar, uma sensação de pertencimento a um local, uma comunidade, que proporciona raízes e senso de continuidade, que fazemos parte de alguma coisa duradoura e estável, ser conhecidos e aceitos, independentemente da profissão (Pahl, 1997).

Olhar retrospectivamente para o sucesso alcançado, de forma mais sustentável e consciente, considerando que completou bem uma tarefa e que deu uma contribuição social e familiar, poderia gerar uma satisfação íntima, incapaz de ser apagada ou extinta, mas, nem sempre assim acontece nas histórias pessoais dos ex-jogadores.

A persistência das enormes desigualdades socioeconômicas impõe para a sociedade uma série de desafios no que se diz respeito à formulação e implementação de políticas públicas, já que somado às desigualdades sociais, o futebol profissional apresenta sua contribuição para a configuração social. Afinal, um ex-jogador de futebol já foi uma figura importante para multidões e também agora se enquadra na classe da multidão dos desempregados.

BIBLIOGRAFIA

Antunes, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2004.

Antunes, Ricardo. **Adeus ao Trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP.PG, 6ª edição, 1999.

Barros, Claudius AC. **Excelência em Serviços: questão de sobrevivência no mercado**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editor,1996.

Bedoian, Graziela e Madalena, Roberto Carlos. **Mundo do trabalho e juventude em situação de risco**. In Revista do Projeto Quixote. São Paulo, 2008.

Bernardo, Teresinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

Chauí, Marilena. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Chesnais, François e Colaboradores. **Globalização e socialismo**. São Paulo: Xamã Editora,1997.

COSTA, Andréia CB. **Bate-bola com a crônica: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira**. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1.sem. 2001, 80 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Extraído da web – www.facom.ufjf.br em 22/7/2008.

DaMatta, Roberto. **Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**. In: Universo do futebol. Rio de Janeiro: Ed. Pinakotheke, 1982.

DaMatta, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Damo, Arlei S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

Debord, Gui. **A Sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

Eco, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.

Elias, Nobert e Dunning, John. **A busca da excitação**. Lisboa: Diefel, 1992.

Freitas, Lenita A. E uma carreira profissional sólida se desmancha no ar: um estudo psicossocial da identidade. Taubaté: Cabral, 1997.

Freyre, Gilberto. **Novo Mundo dos Trópicos**. Rio de Janeiro: TopBooks Editora, 2000.

Governo do Estado de São Paulo. **Diagnóstico para o programa estadual de qualificação profissional: caravana do trabalho**. São Paulo: Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, 2008.

Hall, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Helal, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

Helal, Ronaldo. **Passes e impasses**. Ed Petrópolis, Rio de Janeiro, 1997.

Huizinga, Jonh. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Jardilino, José Rubens; Rossi, Gisele; Santos, Gérson Tenório. **Orientações metodológicas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Gion, 2000.

Kliksberg, Bernardo. **O desafio da exclusão: para uma gestão social eficiente**. São Paulo, 1997.

Lessa, Sérgio. **Mundo Dos Homens**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002

Magnane, Georges. **Sociologia do Esporte**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1969.

Martins, José S e Mencarini, Foracchi. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.

Marx, Karl. **O capital**. Tradução Klauss Von Puschen. São Paulo:Centauro,2005.

Mészáros, István. **A teoria da Alienação em Marx**. Tradução Iva Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

Mészáros, István e colaboradores. **Globalização e socialismo: a subordinação do trabalho**. São Paulo, Xamã Editora, 1997

Nogueira, Cláudio. **Futebol Brasil memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva**. Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

Ortiz, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Pahl, Ray. **Depois do sucesso: ansiedade e identidade fin-de-Siècle**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

Pereira, Adriana B. **A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”**: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrante de suas matrizes. Tese de doutorado em Psicologia Social. PUCSP, 2008.

Pimenta, Carlos Alberto M. **O processo de formação do jogador de futebol no Brasil: sonhos, ilusões, frustrações e violências**. [Tese] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

Pimenta, Carlos Alberto M. **Sociologia da juventude: futebol/paixão/sonho/frustração/violência**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

Shibata, Lilian H. Em busca de um novo caminho: o pós-carreira como oportunidade de realização de potencialidades. [Dissertação] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006.

Smit, Bárbara. **A invasão de campo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Spink, Mary. **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

Souza, Camilo AM e Col. **Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros**. Horizonte Antropológico. Vol.14 Nº30 Porto Alegre July/Dec. 2008 (scielo-27/2)

Stigger, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilo de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, Chancela editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), 2002.

Toledo, Luis Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

Toledo, Luis Henrique de. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Weber, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Tradução José Marcos Mariano de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)